



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

DELMA DE MELO VANDERLEI

**TRANSITIVIDADE ORACIONAL: REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO TEXTUAL-
DISCURSIVA DOS PRONOMES O(S), A(S), ME, TE**

JOÃO PESSOA - PB

2014

DELMA DE MELO VANDERLEI

TRANSITIVIDADE ORACIONAL: REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO TEXTUAL-
DISCURSIVA DOS PRONOMES O(S), A(S), ME, TE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em
Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

João Pessoa - PB

2014

V235t Vanderlei, Delma de Melo.

Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te / Delma de Melo Vanderlei.-- João Pessoa, 2014.

90f. : il.

Orientador: Denilson Pereira de Matos

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL

1. Linguística. 2. Teoria e análise linguística. 3. Pronome oblíquo me. 4. Prototipicidade. 5. Relevo discursivo. 6. Transitividade oracional.

DELMA DE MELO VANDERLEI

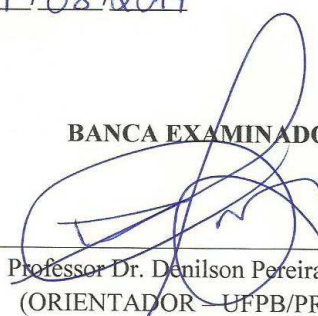
TRANSITIVIDADE ORACIONAL: REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO TEXTUAL-
DISCURSIVA DOS PRONOMES O(S), A(S), ME, TE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em
Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

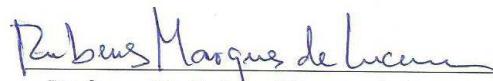
Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

Data da aprovação: 14/08/2014

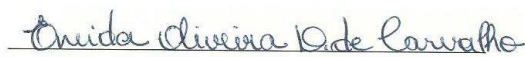
BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Denilson Pereira de Matos
(ORIENTADOR – UFPB/PROLING)



Professor Dr. Rubens Marques de Lucena
(EXAMINADOR – UFPB/PROLING)



Professora Dra. Eneida Oliveira D. de Carvalho
(EXAMINADORA – UEPB)

“Nada é produzido livremente, no sentido de que cada expressão formulada é depositária de um conjunto de características tais que fazem com que dê conta de determinado conteúdo, e de determinadas qualidades que os interlocutores conferem a esse conteúdo” (Votre, 1992:33).

Dedico esta dissertação aos meus pais, meus irmãos, sobrinhos e cunhados, pessoas mais importantes da minha vida e que torcem por mim em cada passo que realizo ou pretendo realizar. Dedico também ao professor Denilson Matos que, de forma tão presente, acompanhou-me em cada etapa desse processo.

AGRADECIMENTOS

Engraçado, embora simples e sem cobrança, talvez seja essa a parte mais difícil; uma vez que, durante todo esse trabalho, foram tantos olhares de força, de estímulo, de calma; tantas palavras de incentivo, tantos sentimentos expressados por todos que fazem parte da minha vida, que temo ser injusta e não citar nomes que não poderiam faltar. Mas, vamos tentar lembrar alguns.

Primeiramente, agradecemos a Deus por sua misericórdia e graça dispensadas a mim durante toda a minha vida e também nesse processo. Sem Ele, com certeza, não teríamos chegado aqui.

Continuando, vamos lembrando alguns nomes: papai e mamãe, como vocês foram especiais no decorrer desse tempo, estiveram presentes e ajudaram-me de todas as formas possíveis para que eu chegasse até o final com mais tranquilidade e menos *stress*. Vocês foram um braço a mais nesta jornada.

Daniella e Danielzinho, meus irmãos amados, vocês foram muito importantes e encorajaram-me, desde o início, acreditando que conseguiria vencer essa etapa. De quebra, Júnior e Débora, bom saber que estavam torcendo para que tudo desse certo.

Let, Lari e Dan, meus sobrinhos fofos, vocês também foram fantásticos, embora eu estivesse tão ausente na vida de vocês durante esses anos, porque o tempo ficou curto e os finais de semana tomaram outro rumo para poder concluir esse trabalho; vocês apresentavam olhares tão carinhosos que me diziam: “vai dar tudo certo, tia”.

Denilson, as palavras não conseguiriam expressar o que foi ter vivido esse trabalho com você. Você foi amigo, orientador, professor, pai, psicólogo, irmão... Incrível como sempre você tinha as palavras certas, como conseguia me nortear tão bem para que hoje nós estivéssemos com esse trabalho em nossas mãos; como acreditava que eu iria conseguir, quando às vezes nem eu acreditava direito. Você foi nota mil e pude senti-lo vivo perto de mim, fazendo-me sentir que eu não estava sozinha, que eu tinha um orientador, e sou agradecida demais por isso. Seu sorriso de alegria e satisfação no dia da qualificação reforçaram em mim mais ainda a certeza de que estávamos juntos nesta empreitada. Muito obrigada por tudo.

Anderson, meu irmãozinho de mestrado, como foi bom conhecê-lo e tê-lo por perto. Vivemos tantas emoções juntos, afinal, tínhamos o mesmo orientador e sabíamos o que ele

esperava de nós. Sua presença amiga foi muito importante e agradeço a Deus por ter te conhecido e ter vivido esse mestrado com você.

Marinésio, meu amigo querido, sou grata demais por tudo que você fez por mim durante essa dissertação; por toda força que me deu, por tudo que suportou dos meus desesperos, afinal, por estar vivendo também um mestrado, eu sabia que você sentia mesmo na pele todas as ansiedades, apreensões, expectativas, alegrias, angústias que eu estava sentindo e, sem querer, acabava descarregando em você quando tudo ia dando certo ou quando algumas vezes eu dizia que iria recomeçar alguma parte. Você foi um ombro amigo que me fez ter forças para ir até o final, embora mais virtualmente; o que foi bom, porque podia ter sua presença e te aperrear vinte e quatro horas por dia. Sem você, teria sido mais difícil. Obrigada!!

Ceição Saúde e Hercílio, queridos, vocês foram os primeiros que estiveram comigo quando entrar no mestrado era algo tão distante ainda e, com certeza, sou grata pela força que me deram no início de tudo.

Lu, você foi dez, amiga querida. Convivemos diariamente na mesma sala de trabalho e é sempre bom ter sua amizade e atenção. Agradeço demais pela força que sempre me dá em todos os sentidos de minha vida; especialmente agora, agradeço-te pela compreensão sempre aparente em relação ao tempo que ficou um pouco tumultuado, mas que sempre tive uma resposta positiva sua que me fazia estar tranquila com todas as permutas que fizemos. Consequentemente, agradeço demais a Davinho também, que foi mais que compreensivo durante todo esse processo.

Fábio, você foi uma peça chave nesse processo. Sou grata demais por ter aceitado estar presente em todas as fases que eu precisei de você no meu trabalho.

Ceição Brito, Eura, Flávia, Jéssica, Rosa, Andressa, Mônica, Rubén, Dilza, Marco, Nivaldo e Patrícia, queridos, muito obrigada pelo incentivo de todos vocês em cada momento do mestrado.

Déa, Amanda e Ana, como foi bom contar com vocês no antes e no durante o mestrado. Foi bom demais saber que eu tinha vocês sempre por perto e que estavam sempre nos motivando pra chegarmos ao final.

Felipe, Cléber, Jalusa, Walbérico, Valdemir, Adílio e Edilma, agradeço carinhosamente a força sempre demonstrada também. Cléber, obrigada pelo carinho sempre.

Glaucinha, Teté e Daniel Ferreira, foi perceptível como ficaram alegres quando o resultado saiu e como vibraram para que tudo desse certo até o final. Glaucinha, obrigada pela forcinha extra no final também. Teté, obrigada pelo incentivo sempre.

Lúcia, sua motivação e torcida pra que tudo desse certo no final foram sentidas a cada semana.

Professora Beliza, sua orientação em relação ao *corpus* escolhido e a forma amiga como nos ajudou a escolhê-lo foi muito importante nesse processo.

Professor Rubens e Professora Eneida, que tão prontamente aceitaram nosso pedido de serem os professores examinadores, sou grata demais por cada detalhe que nos fizeram perceber em nossa qualificação e pela forma tão minuciosa como analisaram o nosso trabalho, ajudando-nos a fazê-lo ainda melhor.

A todos os outros professores de quem tivemos o prazer de desfrutar as aulas, agradecemos e parabenizamos cada um de vocês pelo árduo trabalho que desempenham no PROLING/UFPB, e esperamos que o programa cresça cada dia mais.

VANDERLEI, Delma de Melo. Transitividade Oracional: *Reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2014.

RESUMO

Este trabalho trata dos pronomes oblíquos *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*, partindo de uma análise sintática tradicional para uma abordagem discursiva fundamentada nos conceitos de prototipicidade, transitividade oracional (Hopper e Thompson, 1980), relevância discursiva e função textual-discursiva oriundos da Linguística funcional (Matos, 2008). Os dados analisados foram extraídos do *corpus* composto de três volumes de narrativas narrados por Luzia Tereza, sendo este *corpus* parte do acervo da cultura popular paraibana presente no NUPPO (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular). Verificou-se que o estudo das categorias gramáticas não é válido se feito isoladamente, sem observar, por exemplo, a transitividade oracional que sinaliza a função sintática envolvida. É importante considerar a função prototípica para que a análise seja feita em torno do que é regular e, assim, a dimensão dos resultados obtidos é mais abrangente, visto que o regular é mais frequente, ou seja, mais recorrente, facilitando a compreensão mais eficaz da função em estudo. Também foi confirmada a hipótese de que o pronome *me* elencado para a análise está presente nas narrativas em um nível de alta transitividade, estando mais para figura do que para fundo. A função sintática prototípica desse pronome é a de objeto, sendo este direto ou indireto e, em ambos os casos, apresenta alta transitividade discursiva.

Palavras-chave: Pronome oblíquo *me*; Prototipicidade; Relevância discursiva; transitividade oracional.

ABSTRACT

VANDERLEI, Delma de Melo. *Speech Transitivity: Reflections over the discursive-textual function of the pronouns o(s), a(s), me, te*. João Pessoa-PB; 2014. Dissertation (Master's Degree in Linguistic Studies).

This work deals with the oblique pronouns *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*, starting from a syntactic traditional analysis for a discursive approach based on the concepts of the functional linguistic of the prototypicity, speech transitivity (Hopper and Thompson, 1980), discursive relevance and textual-discursive function (Matos, 2008). The data analysed were extracted of the corpus composed of three volumes of narratives narrated by Luiza Tereza, being this corpus part of the *acquis* of the Paraibana popular culture present in the NUPPO (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular/Centre of Research and Documentation of the Popular Culture). It has been found that the study of the grammatical categories is not valid if made in an isolate way without observing, for example, speech transitivity that signal the syntactic function involved. It is important to consider the prototypical function so that the analysis be done on what is regular and in doing so the dimension of the results obtained is more comprehensive, as the regular is more frequent, in other words, more recurring, facilitating the more efficient comprehension as a function of the study. It was also confirmed the hypothesis that the pronoun *me* listed for analysis is part of the narratives of high transitivity level, being more to figure than to background. The prototypical function of the pronoun *me* is the function of the object, being this direct or indirect and in both high discursive transitivity is presented.

Key words: Oblique pronoun *me*, Prototypicity, Discursive emphasis, speech transitivity.

LISTA DE QUADROS

Quadro I: Comparativo entre pronomes latinos e pronomes portugueses	16
Quadro II: Pronomes e sua referência em relação à pessoa que fala. Kury (1961, p. 64, item 77)	17
Quadro III: Classificação pronominal, segundo Kury (1961)	18
Quadro IV: Subdivisão dos pronomes substantivos e adjetivos, conforme Cunha (2008) e em concordância com a NGB	19
Quadro V: Pronomes oblíquos e suas funções, segundo Infante (1996)	21
Quadro VI: Funções sintáticas dos pronomes o(s), a(s), me, te	22
Quadro VII: Critérios de transitividade oracional	28
Quadro VIII: Tabela gradiente de transitividade	32
Quadro IX: Distribuição quantitativa de ocorrências dos pronomes encontrados	38
Quadro X: Distribuição quantitativa de ocorrências de ele/ela acusativos	40

LISTA DE TABELAS

1. Tabela de análise 1 – Objeto indireto	48
2. Tabela de análise 2 – Objeto direto	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: A CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES DEPOIS DA NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA: UMA VISÃO GERAL	15
1.1 Pronomes o(s), a(s), me, te	15
1.2 Classificação pronominal: Da gramática latina à gramática portuguesa	16
1.3 Papéis dos pronomes: Substantivos x Adjetivos	20
1.4 Função Sintática dos Pronomes o(s), a(s), me, te	21
CAPÍTULO II: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL	24
2.1 Pressupostos teóricos do Funcionalismo	24
2.2 Categorias do funcionalismo	27
2.2.1 Prototipicidade	27
2.2.2 Transitividade Oracional	28
2.2.3 Relevância discursiva (figura/fundo)	31
2.2.4 Um estudo sobre o pronome <i>lhe</i> , numa abordagem funcionalista	31
CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 A escolha do <i>corpus</i>	36
3.1.1 A filtragem do <i>corpus</i>	37
3.1.2 Justificativa da pouca presença do pronome oblíquo “o”	39
CAPÍTULO IV: ANÁLISES	41
4.1 Resultados	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	58
PARTE 1	58
PARTE 2	65

INTRODUÇÃO

Compreender o funcionamento da língua, especialmente no que se refere à sua transitividade, é uma das propostas dos funcionalistas. Tendo em vista o fato de que uma mesma estrutura pode desempenhar papéis distintos em um determinado texto, alguns problemas são levantados: Qual a validade do estudo de estruturas, enquanto categorias gramaticais, para a interação do interlocutor com o texto? Até que ponto o estudo da transitividade pode auxiliar na formulação de estratégias capazes de sinalizar a participação das estruturas linguísticas na construção do relevo discursivo e, conseqüentemente, na compreensão do texto como um todo comunicativo?

Visando a esses questionamentos, busca-se nesta pesquisa demonstrar as funções desempenhadas no texto escrito pelos pronomes átonos *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*, levando em consideração sua função textual-discursiva e justificando de que maneira essas funções ajudam na compreensão do funcionamento da língua.

Objetiva-se apresentar uma proposta de associação das categorias gramaticais desempenhadas pelos pronomes átonos *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te* às possíveis funções textuais-discursivas, com vistas à criação de estratégias que facilitem a compreensão e a análise do funcionamento da língua portuguesa, tendo em vista uma proposta funcionalista de estudos da linguagem.

Esta proposta facilitará o aprendizado dessas categorias e será útil para o seu aprendizado na sala de aula, porque, a partir dela, o professor entende a função das palavras de forma contextualizada, quando se travam debates sobre a gramática da língua, até os mais apurados trabalhos científicos.

A partir dos estudos de Matos (2008; 2010), que sinalizam a discussão entre transitividade verbal e transitividade oracional, propõem-se reflexões na direção não apenas da palavra, mas do discurso, objetivando a identificação do relevo discursivo.

Para tanto, no capítulo I, faremos uma trajetória em torno das classificações pronominais, seus papéis de substantivos ou adjetivos desempenhados nas orações e, focalizando nos pronomes átonos objeto desta pesquisa, estudaremos as funções sintáticas exercidas pelos mesmos.

Dando continuidade e respaldo teórico ao nosso propósito inicial de fazermos um trabalho que levará em consideração o funcionamento da língua com base numa visão funcionalista da linguagem, contemplaremos, no capítulo II, conceitos teóricos dos estudos

funcionalistas como prototipicidade, transitividade oracional, função textual-discursiva e figura/fundo. Segundo Matos (2012, *apud* MACEDO, 1998, p. 75), existem três linhas funcionalistas: Funcionalismo formalista, Funcionalismo moderado, Funcionalismo extremado. Em nosso trabalho, teremos como base a linha moderada, na qual a linguagem é vista como um sistema de interação social, e seu estudo como sistema formal não é relevante, mas deve ser encarado em bases funcionais. Demonstraremos também, neste capítulo II, um estudo funcionalista, com base na linha citada, sobre um pronome oblíquo, neste caso o *lhe*, que tomamos como motivação e inquietação para estudarmos situações semelhantes, porém tendo como objeto os pronomes *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*.

Nos procedimentos metodológicos, capítulo III, explicaremos os procedimentos utilizados em nossa pesquisa, mostraremos qual o *corpus* estudado, o motivo de sua escolha e a fundamentação de termos escolhido este *corpus*. Detalharemos também os passos seguidos no trabalho para a coleta dos dados, a digitação dos mesmos em arquivos computacionais, o levantamento quantitativo e a seleção por tipo de ocorrências que viabilizaram o estudo da transitividade oracional aqui explicitado.

Em seguida, no capítulo IV, faremos uma breve apresentação de alguns exemplos de orações sendo analisadas, tendo como subsídio para a análise os critérios de transitividade oracional de Cunha, Costa & Cesário (2003) e a tabela gradiente de transitividade de Matos (2008) que serão apresentados nos capítulos II e III.

CAPÍTULO I: A CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES DEPOIS DA NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA: UMA VISÃO GERAL

1.1 Pronomes o(s), a(s), me, te

Pretendemos neste trabalho analisar os pronomes o(s), a(s) me, te, levando em consideração a sua transitividade e observando as reflexões sobre a função textual-discursiva dos mesmos. Porém, para tanto, primeiramente, explicitaremos sobre os pronomes e sua classificação pronominal, observando como foram classificados desde a gramática latina, considerando o latim, língua da qual o português é proveniente, até outras classificações presentes na NGB¹.

Faz-se importante esta exposição para que possamos ter parâmetros de comparação entre as classificações apresentadas e mais recorrentes desses pronomes. A sucessão de gramáticas estudadas, Compêndio de Gramática latina (1997), Almendra & Figueiredo (1997), Kury (1961), Said Ali (1964), Infante (1996), Coutinho (1976), Lima (1972/2001), Macambira (2001), Bechara (2004), Cunha (2008), na maioria das vezes, apresentam as funções das palavras de forma isolada, sem levar em consideração a situação comunicativa como um todo e suas classificações. Afinal, como afirma Martelotta (2010, p. 63), nos termos funcionalistas, a gramática não pode ser vista como independente do uso concreto da língua, ou seja, do discurso.

Segundo Matos (2008, *apud* CUNHA, COSTA; CEZARIO, 2003, p. 50),

O termo discurso está relacionado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa. Por um lado, o discurso é tomado como ponto de partida para a gramática; por outro, é também seu ponto de chegada.

¹A NGB corresponde à portaria Nº 36, criada em de 28 de janeiro de 1959, e aprovada pelo Ministro Clóvis Salgado. O objetivo foi a uniformização e simplificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira a partir de 1959, estabelecendo este período como divisor entre o que vem antes da Nomenclatura Gramatical Brasileira (ANGB) e depois dela (DNGB) (MATOS, 2008).

1.2 Classificação pronominal: da gramática latina à gramática portuguesa

Conforme o Compêndio de Gramática Latina (1997, p. 64), “os pronomes exercem muitas vezes o papel do nome, isto é, o papel que os nomes exerceriam. Papéis estes que são os de sujeito em alguns momentos, e/ou de adjuntos e determinantes quando concordam com o nome”.

Segundo Almendra & Figueiredo (1997), mesmo apresentando algumas diferenças formais, mais precisamente em relação aos indefinidos, os pronomes latinos estão presentes nos pronomes portugueses, a exemplo dos pronomes pessoais que apresentam resquícios de casos latinos como o eu, nominativo; me, acusativo; o mim, dativo; o migo, ablativo; o isto, isso e aquilo que vieram de formas neutras. Esses casos latinos representam funções nas orações de acordo com o seu tipo: o *nominativo* exerce o papel de sujeito, de *eis* aqui com *en*, *ecce* e de exclamativo; o *acusativo* indica o objeto da ação ou coisa a quem nos dirigimos e funciona como exclamativo sempre após o “O”; o *dativo* é de atribuição (complemento indireto) de aproximação, de fim e de aptidão, de interesse que são dativos de vantagem, dativos de desvantagem, dativo ético (dos pronomes pessoais que indicam a pessoa que se interessa pela ação) e os dativos possessivos; e o *ablativo* indica o ponto de partida e pode ainda ter o valor de locativo ou instrumental. Sobre isso, vejamos o quadro resumo a seguir:

Quadro I: Comparativo entre pronomes latinos e pronomes portugueses.

Caso	Funções nas orações	Pronome latino	Pronome português
Nominativo	Sujeito	<i>ego</i>	Eu
Acusativo	Objeto da Ação	<i>Me</i>	Me
Dativo	Complemento indireto	<i>Mihi</i>	Mim
Ablativo	Locativo ou instrumental	<i>Mecum</i>	Migo (Comigo)
Formas neutras		<i>Id, Istud, Illud</i>	Isso, isto, aquilo

Ainda segundo Almendra & Figueiredo (1997), a classificação dos pronomes latinos obedece a seguinte categorização: *pessoais*, *ego* (eu), *tú* (tu), *ele*, *nós*, *vós*, *eles*; *demonstrativos*, *este*, *esta*, *isto*, *esse*, *essa*, *isso*, *aquele*, *aquela*, *aquilo*, *o*, *a*, *o mesmo*, *a mesma*, *ele próprio*, *ela própria*; *relativos*, *que*, *quem*, *o qual*; *interrogativos*, *quem*, *que*, *qual*; *indefinidos*, *alguém*, *algum*, *cada um*, *outro*, *ninguém*, *nenhum* e *nada*.

Partindo da gramática latina para a gramática portuguesa, demonstramos a visão de alguns gramáticos, como Infante, Lima, Macambira, Bechara, Said Ali, Coutinho, Cunha, Kury em relação à posição dos pronomes e suas classificações. A princípio, convém ressaltar que a categorização pronominal em português conserva muitos traços do modelo de classificação da língua latina anteriormente mencionado. Assim, Segundo Kury (1961), os pronomes da língua portuguesa são considerados apenas como pessoas do discurso que se referem aos seres, não os nomeando nem os qualificando, e podem ser usados em lugar dos substantivos, apontando o ser em referência à pessoa que fala, conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro II: Pronomes e sua referência em relação à pessoa que fala. Kury (1961, p. 64, item 77).

Referência em relação à pessoa que fala	Pronome usado
Se é ela própria	Eu
Se está perto dela	Isto
Se pertence a ela	Meu
Se é o ser a quem ela se dirige	Tu, Você
Se está perto dele	Isso
Se lhe pertence	Teu, Seu/ Isto é de você
Se é um ser a que ela não se dirige, mas de que fala	Ele
Se não está nem perto dela própria, nem do ser a que ela se dirige	Aquilo
Se pertence a um ser a que não é ela, nem o ser que ela se dirige	Seu – Isto é dele (O dele é utilizado por causa do português falado)
Se é um ser de que ela fala sem apresentar a seu respeito uma ideia definida, como indivíduo bem determinado	Alguém

Levando em consideração a pessoa do discurso e a caracterização das frases como interrogativas ou subordinadas, Kury (1961) classifica os pronomes em pessoais, quando indicam uma pessoa do discurso; demonstrativos, quando indicam um ser em referência a uma pessoa do discurso; possessivos quando indicam o ser como pertencente a uma das pessoas do discurso; interrogativos considerados também como indefinidos; e relativos. Vejamos isto no quadro explicativo a seguir:

Quadro III: Classificação pronominal, segundo Kury (1961).

Pessoais retos	Eu, nós, tu, vós, você (vocês), o senhor, ele (a), eles (as).
Pessoais oblíquos não reflexivos átonos	Me, nos, te, vos, o (a, os, as), lhe (lhes)
Pessoais tônicos não reflexivos (precedidos de preposição)	(a) mim, comigo, (a) nós, conosco, (a) ti, contigo, (a) vós, convosco, (a) você (s),(com) você (s), (a) ele (s).
Pessoais tônicos reflexivos	Me, nos, te, (a) ti, contigo, vos, se, (a) si, consigo, se, (a) si, consigo.
De tratamento	Tu, vós, você, o senhor, V. S ^a , V. Ex ^a , V.A, V.Em ^a , V. Magnificência, S.S ^a , S. Ex ^a , S. M., S.S. etc.
Possessivos	Meu, teu, seu, vosso e suas flexões.
Demonstrativo	Este, esta, esse, essa, aquele (s), aquela (s), isto, isso, aquilo, o (a, os e as equivalentes a aquela, aquele, aquelas), o (equivalente a aquilo).
Indefinidos	Alguém, ninguém, outrem, algo, tudo, nada, qualquer um, cada um, qual, cada, certo, que, qualquer, algum, nenhum, outro, muito, pouco, todo, vários.
Interrogativos	Que, quem, qual, quanto.
Relativos	Que, quem, o qual (e flexões), onde (precedido de prep. = que), quanto, como, cujo (e flexões).

Conforme Said Ali (1964), os pronomes pessoais denotam as três pessoas do discurso; indivíduo que fala (1ª pessoa); o indivíduo com quem se fala (2ª pessoa); e a pessoa ou coisa de que(m) se fala (3ª pessoa). Após esta primeira divisão, Said Ali classifica os pronomes em formas retas, quando se posicionam como sujeito da oração e formas oblíquas (átonas e tônicas), quando exercem a função de complemento. As formas oblíquas tônicas são seguidas de preposição. O pronome oblíquo átono, quando se refere ao próprio sujeito do verbo, é considerado pronome reflexivo. A seguir, alguns exemplos:

Exemplos:

“Tudo depende de *mim*” (oblíquo tônico).

“Não partirei sem *ti*” (oblíquo tônico).

“Espero-*te*” (oblíquo átono).

“Visitaste-*me*” (oblíquo átono).

“Eu feri-*me* com a faca” (oblíquo átono).

“Nós abstermo-*nos* de acompanhar os outros”(oblíquo átono).

“Ele vingou-se do inimigo” (oblíquo átono).

“Eles feriram-se a si mesmos” (oblíquo átono).

Cunha (2008) divide os pronomes pessoais em retos ou oblíquos. Retos, quando agem como sujeito da oração; oblíquos quando são empregados como objeto (direto ou indireto).

Seguem exemplos de pronomes oblíquos:

“Nunca *a* encontramos em casa.” / “Louvo-o.”

Para Torres (1967), os pronomes são divididos em seis espécies e, dentre elas, estão os pessoais que são subdivididos em reto, oblíquo e de tratamento. Quando o pronome oblíquo refere-se ao sujeito da oração, ele é chamado de reflexivo.

Já Coutinho (1976) divide os pronomes em pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos e indefinidos. Para este, os pronomes pessoais são classificados em tônicos e átonos.

Cunha (2008) considera que os pronomes são classificados em seis espécies: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. Essa classificação também é aceita pela NGB, conforme sintetiza o quadro a seguir:

Quadro IV: Subdivisão dos pronomes substantivos e adjetivos, conforme Cunha (2008) e em concordância com a NGB.

Pessoais retos	Eu, tu, ele, nós, vós, ele (s), ela (s).
Pessoais oblíquos não reflexivos átonos	Me, te, o (s), a(s), lhe (s), nos, vos.
Pessoais oblíquos não reflexivos tônicos	Mim, comigo, ti, contigo, ele (s), ela (s), nós, conosco, vós, convosco, eles, elas.
Pessoais reflexivos e recíprocos	Se, si, consigo.
Pessoais de tratamento	Você, o senhor, V.A., V.Em ^a , V. Ex ^a , V.Mag ^a , V.M., V. P., V. Rev ^a , V.S., V.S ^a .
Possessivos	Meu, teu (s), tua (s), seu (s), sua (s), nosso (s), nossa (s), vosso (s), vossa (s).
Demonstrativos	Este (s), esta (s), esse (s), essa (s), isto, isso, aquele (s), aquela (s), aquilo. Contrações como, deste, desta, disto, neste, nisto, desse, dessa, disso, nesse, nessa, nisso, daquele, daquela, daquilo, naquele, naquela, naquilo, naquele, àquele, àquela, àquilo. Também podem ser demonstrativos o (a, os, as), mesmo, próprio, semelhante e tal.
Relativos	O qual (os quais), a qual (as quais), cujo (s), cuja (s), quanto (s), quanta (s), que, quem, onde.
Interrogativos	Que, quem, qual, quanto.
Indefinidos	Algum, nenhum, cada, nada, outro, qualquer, tudo, todo, muito, pouco, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo.

1.3 Papéis dos pronomes: Substantivos x Adjetivos

Nesta seção, trataremos dos papéis que os pronomes podem desempenhar. Em relação a isso, percebemos que é comum a sua classificação ou divisão em dois tipos: *pronomes substantivos* e *pronomes adjetivos*. Para tanto, os gramáticos baseiam as suas explicações no aspecto sintático-semântico, segundo o qual os pronomes substantivos remetem aos núcleos substantivos, e os pronomes adjetivos remetem aos determinantes adjetivos. Assim, Kury (1961) classifica os pronomes em substantivos e adjetivos, considerando substantivos os que exercem o papel de núcleo nominal do sintagma, e adjetivos os que acompanham o núcleo substantivo, exercendo o papel de determinante.

Para Rocha Lima (2000), os pronomes também são classificados em adjetivos e substantivos. Sendo substantivos os que se comportam como núcleo de um sujeito ou núcleo de um complemento, e adjetivos os que se referem a um substantivo e a ele se subordinam no papel de adjuntos adnominais.

Conforme Macambira (2001), os pronomes dividem-se na subclasse dos substantivos, em que estão os pronomes que não se articulam com o substantivo; e dos adjetivos, em que estão os pronomes que se articulam com o substantivo.

Segundo Bechara (2004), os pronomes substantivos são considerados absolutos por funcionarem como núcleo do sintagma nominal, assim como os substantivos. Já os pronomes adjetivos exercem papéis de adjuntos do núcleo, assim como os adjetivos, os artigos e os numerais.

De acordo com Cunha (2008), os pronomes também desempenham nas orações funções realizadas pelos elementos nominais, substantivos e adjetivos. São pronomes substantivos quando aparecem isolados na frase e desempenham a função dos substantivos; são adjetivos quando empregados juntamente a um substantivo concordando com ele em gênero e número.

Mediante o posicionamento dos gramáticos citados, é possível verificar que estão em concordância com a NGB (período após 1959) em relação ao fato de que os pronomes que exercem o papel dos substantivos são chamados de substantivos e os que exercem o papel de adjetivos são chamados de adjetivos.

1.4 Função Sintática dos Pronomes *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*

Passemos agora a descrever a função dos pronomes pessoais objeto de estudo deste trabalho, ou seja, *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*, levando em consideração a discussão dos gramáticos anteriormente citados e as descrições a partir da NGB, com o objetivo principal de apresentar as funções dos pronomes a partir das obras elencadas.

Para Infante (1996), os pronomes oblíquos, de um modo geral, desempenham a função de complemento verbal (Objeto direto / objeto indireto) ou complemento nominal, conforme quadro explicativo a seguir:

Quadro V: Pronomes oblíquos e suas funções, segundo Infante (1996).

Pronomes oblíquos	Funções
Me, te, nos, vos	Pode ser objeto direto ou objeto indireto
O, a, os, as	Atuam exclusivamente como objeto direto
Lhe, lhes	Atuam exclusivamente como objeto indireto
Se	Pode ser direto ou indireto, sempre reflexivo

Entretanto, especificamente sobre os pronomes átonos em questão, Cunha & Cintra (2008) esclarecem que *o(s)*, *a(s)* possuem formas próprias do objeto direto e podem também ser empregados como sujeito do infinitivo; já os pronomes *me*, *te* podem ser empregados como objeto direto ou como objeto indireto.

Exemplos:

1. “Eu avisei-o” (Objeto direto).
2. “Mandeí-o sair” (Sujeito do infinitivo).
3. “Queria-te ver lá em cima” (Objeto direto).
4. “Chamava-me o seu alferes” (Objeto indireto).

Segundo Lima (1972), os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, sintaticamente, completam o regime do verbo exercendo o papel de objeto direto e não são precedidos de preposição. Seguem os exemplos citados por Lima (1972):

5. “Vi-o” (vi o menino).
6. “Não *as* escrevi” (Não escrevi as cartas).

Bechara (1999) expõe que os pronomes átonos geralmente exercem na oração a função de objeto direto. Porém, ressalta que o mesmo também pode ocorrer na forma de objeto indireto, quando substituindo termos que funcionam como adjuntos adverbiais, conforme exemplo a seguir:

Exemplo:

7. Eu o vi (Objeto direto).
8. “Fugiu-me” (Oração com o pronome substituindo o adjunto adverbial, de mim, e exercendo a função de objeto indireto).

Assim, podemos perceber que os pronomes oblíquos em questão são comumente empregados ora como objetos diretos ora como objetos indiretos, conforme Cunha (2008) e Bechara (1999). Os mesmos são também tratados como complementos dos verbos por Said Ali (1964) e Lima (1972), não deixando de ser considerados como objetos diretos ou indiretos, visto que os mesmos são complementos dos verbos. No quadro a seguir, estão explicitados os posicionamentos desses autores:

Quadro VI: Funções sintáticas dos pronomes o(s), a(s), me, te.

Autor	Pronome	Função Sintática
Cunha (2008)	O (s), a (s)	Objeto direto e objeto indireto. Também podem ser sujeito do infinitivo.
Lima (1972)	O (s), a (s)	Complementam o regime do verbo e não são precedidos de preposição.
Cunha (2008)	Me, te	Objeto direto ou objeto indireto.
Bechara (1999)	Átonos (de uma forma geral)	Objeto direto ou objeto indireto, este quando substitui termos que funcionam como adjuntos adverbiais.
Said Ali (1964)	Formas oblíquas átonas	Exercem função de complemento dos verbos.

Desta forma, de acordo com o exposto, é comum o fato dos pronomes o (s), a(s), me, te, conforme quadro acima, exercerem o papel de objeto direto e/ou indireto. Mas, até que ponto estas funções podem ser consideradas prototípicas desses pronomes?

A resposta a esta pergunta é um dos elementos a serem contemplados neste estudo, bem como as relações de transitividade estabelecidas por esses pronomes átonos. Antes, porém, apresentaremos o aporte teórico que subsidiará nossas análises, isto é, a base epistemológica da Linguística funcional, na qual nos apoiaremos para justificar se essas

funções recorrentes de objeto direto e/ou indireto, tal como apresentadas sucessivamente nas gramáticas aqui citadas, são as prototípicas dos pronomes em estudo, ou não.

CAPÍTULO II: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL

2.1 Pressupostos teóricos do Funcionalismo

As primeiras análises linguísticas na linha funcionalista tiveram seu início em 1930, quando o Círculo Linguístico de Praga passou a estudar a linguagem, levando em consideração a sua realidade extralinguística, observando as frases como unidades que veiculam informações e estabelecendo ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico. Este tipo de abordagem foi visto como um estruturalismo funcional que vê a língua como um sistema funcional que possui um lado estrutural (sistêmico) e outro funcional. Segundo Macedo (1998, p. 77),

Os linguistas de Praga consideraram as funções da linguagem – expressiva, conativa, e referencial, bem como elaboraram a noção de função no contexto: As noções de tema e rema foram propostas nesses primeiros estudos, que enfatizaram a necessidade de explicarem-se as formas no contexto.

Para a Escola de Praga, a língua é um sistema de meios apropriados a um fim e o reconhecimento da frase é como uma unidade de análise de nível comunicativo, isto é, nível além do fonológico, morfológico e sintático.

Conforme Neves, Braga e Paiva (1997, p. 6),

Desse modo, o funcionalismo liga-se historicamente às propostas da Escola Linguística de Praga, que “concebiam” a linguagem articulada como um sistema de comunicação, preocupavam-se com os seus usos e funções, rejeitavam as barreiras intransponíveis entre diacronia e sincronia e preconizavam uma relação dialética entre sistema e uso.

Faziam parte do Círculo Linguístico de Praga linguistas como Roman Jakobson e Vilém Mathesius. Uma marca funcionalista dos linguistas de Praga foi a aceitação de uma

noção teológica de função, a partir do momento que entendiam a língua como um sistema funcional, por ser utilizada para um determinado fim.

Por acreditarmos na linguagem como um instrumento de interação social na transmissão de informação pelos interlocutores reais, baseamos o nosso trabalho no funcionalismo. Por isso, estudaremos os pronomes em análise, considerando a sua função em uso e o seu real papel na comunicação a partir do contexto em que os mesmos estão inseridos; ou seja, de forma contextualizada, visto que os “funcionalistas estudam a língua no seu contexto social de uso” (Naro; Votre, 2012, p. 43).

O funcionalismo, que dentre outros pontos considera o uso das formas linguísticas em atos comunicativos reais, vê a língua como um sistema não-autônomo por ela estar inserida em um contexto social, e entende que a função das formas linguísticas possui um papel predominante.

Em nosso estudo, conforme já citado, trabalharemos com as formas linguísticas pronominais, particularmente com os pronomes átonos *o (s)*, *a (s)*, *me*, *te*, por acreditarmos que os mesmos possuem uma função fundamental no discurso e na significação do mesmo. Neste sentido, o funcionalismo postula que a língua faz parte de um contexto e nunca deve ser vista isoladamente; pressupõe que a forma origina-se do uso; não admite separações como sistema versus uso real; pressupõe que a forma adapta-se às funções que exerce e que o estudo linguístico precisa estar subordinado ao uso.

Conforme Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 29):

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

O funcionalismo trabalha com temas como gramaticalização, prototipicidade, iconicidade, marcação, topicalização, transitividade oracional e relevância discursiva, dentre outros. No entanto, em nossa pesquisa, os principais conceitos que vão nos interessar são os de prototipicidade, de transitividade oracional e relevância discursiva (figura/fundo).

Segundo, Matos (2008, p.55 grifo do autor):

Dos pressupostos básicos da teoria funcionalista, parte-se da noção de protótipo (Taylor, 1995), concebido como uma espécie de modelo que representa uma determinada categoria, e “dentro de cada categoria há o membro que ostenta o maior número de propriedades características, e é segundo a semelhança com essa configuração que os demais devem ser classificados”.

Ainda segundo Matos, (2008, p.56, grifo do autor):

[...] a transitividade oracional é concebida enquanto um processo não absoluto, sob uma perspectiva que relativiza as possibilidades de análise do construto oracional, superando a dicotomia: “transitivo” ou não transitivo”, para lidar com escalaridade, em termos do “mais transitivo” ao “menos transitivo”. Trata-se de uma visão gradiente de transitividade que considera todos os participantes, eventos e verbos que podem contribuir para melhor expressar o que ocorre na oração como um todo.

Segundo Hopper e Thompson (1980), existe uma alta correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade da sentença, visto que o pensamento e a comunicação humana registram o universo individual como uma hierarquia de graus de centralidade/perifericidade, a fim de facilitar tanto a representação interna quanto a sua exteriorização para as pessoas. Conforme Mussalin e Bentes (2009):

Os usuários da língua constroem, assim, as sentenças de acordo com seus objetivos comunicativos e com sua percepção das necessidades do ouvinte. Ou seja, em qualquer situação de fala, algumas partes do que se diz são mais relevantes que outras, destacam-se de um fundo que lhes dá sustentação. Essa parte do discurso que lhes dá sustentação e não contribui imediata e crucialmente para os objetivos do falante, mas que apenas sustenta, amplia ou comenta o aspecto principal é chamada *fundo (background)*. Em contraste o material que fornece os pontos principais do discurso, a linha mor da comunicação, chama-se *figura (foreground)*.

Particularmente, iremos nos deter, em relação aos pronomes ora estudados, na transitividade oracional, na relevância discursiva e na prototipicidade.

2.2 Categorias do funcionalismo

2.2.1 Prototipicidade

Segundo Matos (2008, *apud* CUNHA; OLIVEIRA; VOTRE, 1999, p. 95), termos repetidos em determinados ambientes textuais motivam certa padronização de uso. Sendo o inverso das situações prototípicas, situações marginalizadas. Segundo Naro e Votre (2002, p. 43), para o funcionalista, todos os mecanismos que têm a mesma função devem ser reunidos e analisados sob o mesmo prisma.

Em nosso caso, o estudo dos protótipos está associado à frequência com que uma determinada função sintática é exercida pelos pronomes selecionados em nosso *corpus* – os contos narrados por Luzia Teresa nos Volumes I, II e III. A frequência é um dos parâmetros para a identificação de uma estrutura prototípica, visto que a gramática é moldada de acordo com o uso feito da língua através da repetição ou da frequência de ocorrência de um item e/ou construção linguística.

Segundo Naro e Votre (2012, p. 45),

Os dados do funcionalista são buscados *no* discurso; são, portanto, concretos e contextualizados. Permitem a verificação empírica, a contagem de frequências, a visão e o controle do contexto linguístico anterior e posterior, e a correlação com variáveis socioculturais e pragmáticas.

Até o presente momento, com base no estudo sobre os pronomes apresentados no capítulo anterior, pudemos observar que, segundo Cunha (2008), Lima (1972), Bechara (1999) e Said Ali (1964), os pronomes átonos *o* (a), *os* (as), *me*, *te* exercem principalmente a função de complemento dos verbos. Porém, a confirmação dessa função pronominal como sendo a prototípica será objeto de análise em nosso *corpus*; considerando, para isso, a função sintática desses pronomes dentro das orações selecionadas e também a transitividade oracional e a sua função textual-discursiva nessas mesmas orações.

2.2.2 Transitividade oracional

O estudo da transitividade está suscetível a análises menos eficazes caso seja levado em consideração somente um estudo categorial gramatical sem associação com as questões do discurso, conforme nos aponta Matos (2010). Dessa forma, para que a transitividade seja estudada em sua plenitude, isto é, além da tradicional conceituação transitivo ou não transitivo, faz-se necessário o estudo da transitividade oracional, transitividade esta que é apontada por Matos (op. cit.) como uma visão gradiente de transitividade, que considera todos os participantes, eventos e verbos que podem contribuir para melhor expressar o que ocorre na oração como um todo.

Para tanto, traços distintivos de transitividade foram apontados por Costa & Cezario (2003) para análise do nível de transitividade das sentenças em estudo. Os critérios foram distribuídos conforme o quadro VII abaixo:

Quadro VII: Critérios de transitividade oracional (Costa & Cezario, 2003, p. 37).

Critérios/Traços	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	Dois ou mais	Um
2. Cinese	Ação	Não-ação
3. Aspecto do verbo	Perfectivo	Não-perfectivo
4. Punctualidade do verbo	Punctual	Não punctual
5. Intencionalidade do Sujeito	Intencional	Não-intencional
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo <i>realis</i>	Modo <i>irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	Não-agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	Não-afetado
10. Individuação do objeto	Individuado	Não-individuado

Esses critérios se explicam da seguinte forma (cf. CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003):

1. Participantes: Refere-se à transferência da ação. A transferência é possível quando há mais de um participante.

Ex1: a) Ela perdeu o livro (dois participantes: ela e livro).

b) Ela perdeu rapidamente (apenas um participante: ela).

2. Cinese: Refere-se ao verbo expressar ou não uma ação. Verbos com noção de estado são nulos de ação.

Ex2: a) Ela derrubou a laranja (ação de derrubar).

b) Ela ouviu a música (a noção de ouvir não gera ação).

3. Aspecto do verbo: Refere-se à visão de uma ação do ponto de vista final, perfectivo, esta é mais fácil de ser transferida para um outro participante do que uma ação sem término. Refere-se, assim, ao fato de completude da ação transferida que pode ser perfectiva (acabada) ou imperfectiva (não-acabada, em andamento).

Ex3: a) Eu comi o bolo que ganhei (o verbo comer indica uma ação acabada).

b) Eu estou comendo o bolo que ganhei (o verbo comer indica uma ação em andamento).

4. Punctualidade do verbo: Refere-se à duração de uma ação. É mais claro o efeito sobre os participantes em ações realizadas sem nenhuma fase de transmissão óbvia entre o início e o fim. O grau de pontualidade será maior quanto menor for a distância entre a ação e o seu efeito e, o grau será menor, quanto maior for a distância entre a ação e o seu efeito.

Ex4: a) As crianças derrubaram as cadeiras (não há distanciamento entre a ação de derrubar e o efeito desta ação).

b) Eu levei os livros (não-pontual e existe um distanciamento entre a ação e o efeito desta).

5. Intencionalidade: Refere-se à intenção do sujeito.

Ex5: a) Ela estudou até altas horas (intencional).

b) Ela perdeu o horário do voo (não intencional).

6. Polaridade: Refere-se à oposição existente entre sentenças afirmativas e negativas. O que não ocorreu não pode ser uma ação transferida para os participantes. Desta forma, o fato será mais transitivo, já o contrário terá um grau de transitividade menor.

Ex6: a) Ela bebe leite (afirmativa).

b) Ela não bebe leite (negativa).

7. Modalidade: Refere-se aos planos real, evento mais efetivo, e irreal, evento menos efetivo.

Ex7: a) Distribuí todas as cartas (situação efetiva).

b) Se eu fosse sorteada !! (possibilidade)

8. Agentividade do sujeito: Refere-se ao potencial de agir de um participante (sujeito) na transferência de uma ação para o outro participante (objeto).

Ex8: a) A recepcionista mostrou a sala (o sujeito agiu).

b) O cartaz mostra a sala (o sujeito não age).

9. Afetamento do objeto: Refere-se ao grau de afetamento do paciente e está relacionado à individuação do objeto.

Ex9: a) As crianças comeram todo o bolo da bandeja (o bolo da bandeja foi afetado pelo sujeito).

b) As crianças viram os brigadeiros (os brigadeiros não sofreram nenhum afetamento provocado pelo sujeito).

10. Individuação do objeto: Refere-se ao fato de uma ação poder ser transferida mais efetivamente para um paciente individuado do que para um não-individuado, relacionando-se ao traço afetamento do objeto.

Ex10: a) As crianças comeram todo o bolo da bandeja (existe a definição do bolo da bandeja).

b) As crianças comeram uns brigadeiros (o objeto está indefinido, não se pode determinar quanto de brigadeiro as crianças comeram).

Por meio dos critérios citados, pudemos perceber a vasta dimensão de detalhes que fazem parte de um discurso e que é importante quando buscamos entender o que queria ser dito de fato e o que se buscava comunicar. A partir daí, podemos perceber a função de cada palavra no discurso, levando em consideração todo o texto e não somente uma oração. Rotulações de que tal palavra desempenha função tal por isso ou por aquilo; quando sabemos que, dependendo do contexto, a função pode ser modificada completamente.

Dessa forma, elencamos esses critérios como suporte para análise do nosso *corpus* em busca de detalhes sobre a transitividade oracional no mesmo; sabendo que, a partir desse entendimento, poderemos perceber o nível de gradação e assim entenderemos os planos do discurso (se figura ou fundo), e levando em consideração se serão de baixa ou de alta transitividade. É importante, com isso, reafirmar que os “funcionalistas estudam o *uso* da língua *NO discurso*” (NARO; VOTRE, 2012, p. 44).

2.2.3 Relevância discursiva (*figura/fundo*)

Dando continuidade à proposta de trabalharmos a “Transitividade Oracional: Reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te”, estudaremos em nosso *corpus* as narrativas e nelas analisaremos os pronomes em questão, considerando a sua função textual-discursiva.

Segundo Matos (2008, *apud* SOARES, 2000), toda relevância discursiva maior é figura em qualquer texto, contudo, na narrativa, as orações transitivas são potencialmente figura, pois esse um tipo de texto com feição de relevância mais para figura do que para fundo.

2.2.4 Um estudo sobre o pronome *lhe* numa abordagem funcionalista

Convém, por uma questão de estado de arte, considerarmos e apresentarmos a seguir o estudo de Matos (2008; 2010) sobre o pronome *lhe*, que apresenta “algumas discussões e questionamentos, que integram a reflexão sobre os fatos gramaticais mencionados segundo uma atitude moderada da linguística funcionalista”. (2010, p. 108)

Conforme o estudo do autor, partindo-se da análise primeira do pronome *lhe*, foi percebido que havia consenso sobre as possíveis funções sintáticas exercidas por esse pronome; mas, ao mesmo tempo, evidenciam-se as divergências entre alguns autores sobre determinadas funções sintáticas do pronome *lhe*, como por exemplo, a função de objeto indireto. Tais divergências perfizeram um total de 18%, e um consenso deu-se em um número de 82% de ocorrências do *lhe* na função de objeto indireto. Assim, percebeu-se que, a partir de uma abordagem discursiva, o pronome *lhe* pode apresentar possibilidades diferentes de concepção, no que se refere ao desempenho do pronome no interior do texto enquanto elemento constituinte de uma oração no discurso.

Identificou-se que a função de objeto indireto no pronome *lhe* é prototípica, considerando-se o aspecto da frequência.

Posteriormente, analisando um banco de orações e suas funções sintáticas, foi feita a verificação de alguns trechos de cada função sintática, levando-se em consideração os dez

critérios de transitividade oracional já apresentados neste trabalho e que seguem uma proposta de Hopper e Thompson (1980) com o objetivo de demonstrar o papel do pronome *lhe* no discurso. A partir dos resultados apresentados, um percentual maior de orações passaria pelo teste da transitividade oracional. Entretanto, isto não se fez necessário, visto que o objetivo da pesquisa foi alcançado com apenas 1% de trechos para cada função sintática.

Após esta etapa, buscando-se identificar o grau de transitividade para cada função sintática do pronome *lhe* (objeto direto, objeto indireto complemento nominal e adjunto adnominal) e foram relacionados 3% dos trechos para que se fizesse uma identificação dos mesmos com base na presença ou ausência dos dez critérios de transitividade oracional apresentados anteriormente no Quadro VII. Esses critérios são de base funcionalista, já que sugerem gradiência, a partir dos critérios de participantes, cinese, aspecto do verbo, punctualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade do sujeito, afetamento do sujeito e individuação do objeto.

O resultado da análise, após o estudo das orações que apresentavam o *lhe* na função de objeto indireto, confirmou a tendência de transitividade com a presença de mais de um participante em todos os exemplos. Em relação ao aspecto verbal, a situação estava finalizada e a intenção explícita do sujeito é predominante. A presença dos critérios, em relação à tabela gradiente de transitividade proposta por Matos (2010, p. 60), está demonstrada no Quadro VIII a seguir:

Quadro VIII: Tabela gradiente de transitividade.

Quantidade de Critérios	Transitividade
0 a 2	Muito baixa
3 a 4	Baixa
5 a 6	Média
7 a 8	Alta
9 a 10	Muito alta

A presença dos critérios varia de média para muito alta transitividade, implicando dizer que o pronome *lhe* na função de objeto indireto ocorre em um contexto linguístico mais compatível com figura do que com fundo.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa do pronome *lhe* foi dividido em duas fases, conforme o estudo. Na primeira fase foram utilizados 40 livros didáticos adotados pelo ensino público e particular da década de 80, no município do Rio de Janeiro, e obras de 1990. Já na

fase das análises, trabalhou-se com os *corpora*: bancos de dados CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Eletrônicos M CT/Público) e CETEM Nilc S. Carlos, ambos do projeto de processamento computacional do português. Utilizou-se também como corpus amostras do Corpus do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, particularmente utilizando amostras de língua falada e escrita com informantes em quatro cidades brasileiras: Rio de Janeiro (1995), Niterói, Rio Grande do Norte (1996) e Juiz de Fora (1996).

Esse estudo nos motiva, já que estamos trabalhando também com pronomes; aliás, o próprio autor sinaliza neste sentido:

[...] elencou-se o pronome *lhe* como estrutura observável, uma vez que vimos perseguindo esse pronome há algum tempo. Todavia seria possível fazer-se o mesmo percurso, utilizando-se outro pronome ou alguma outra estrutura gramatical: adjetivo, substantivo, dentre outros (MATOS, 2010, p. 107-108).

No caso, os pronomes átonos *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*, objetos de nossa pesquisa, também poderão apresentar alta transitividade e relevância discursiva mais voltada para figura do que para fundo, uma vez que os textos em análise também fazem parte de narrativas.

CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, explanaremos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa para que cheguemos a uma demonstração das funções desempenhadas pelos pronomes átonos o(s), a(s), me, te, observando sua função textual-discursiva.

Objetivamos também apresentarmos uma proposta de associação das categorias gramaticais desempenhadas pelos pronomes em estudo às possíveis funções textuais discursivas, visando a estratégias que facilitem a compreensão e a análise do funcionamento da língua portuguesa, tendo em vista uma proposta funcionalista de estudos da linguagem.

Como primeiro passo, fizemos um estudo da classificação pronominal e suas funções sintáticas, levando em consideração a gramática do latim ao português e outras gramáticas que datam após a NGB.

Durante a pesquisa, utilizamos para estudos sobre a classificação dos pronomes, conforme o item 1.2 do capítulo I, Williams (1961), Compêndio de Gramática Latina (1997), Almendra & Figueiredo (1997), Kury (1961), Said Ali (1964), Infante (1996), Torres (1967), Coutinho (1976). Nos estudos sobre os papéis dos pronomes nas orações, capítulo I, item 1.3, vimos que, por unanimidade, eles estão divididos em substantivos e adjetivos; e este posicionamento se apresenta também em conformidade com a NGB, conforme a consulta em gramáticos como Kury (1961), Rocha Lima (2000), Macambira (2001), Bechara (2004) e Cunha (2008).

Após elencarmos a função desses pronomes na gramática tradicional, partimos para o nosso estudo propriamente dito para analisarmos os pronomes aqui delimitados à luz dos pressupostos funcionalistas, que considera o texto e o contexto em que os elementos linguísticos estão inseridos. Para tanto, fizemos um percurso passando pela fundamentação teórica do funcionalismo e por uma explanação sobre alguns temas desta teoria que serão utilizados mais de perto em nossas análises, como prototipicidade, transitividade oracional, função textual-discursiva (figura/fundo). Percorremos também uma análise realizada por Matos (2008) sobre o pronome *lhe*, pronome classificado também como átono, que privilegia princípios teóricos que serão contemplados em nossa pesquisa.

Posteriormente, no desenvolver deste trabalho, já no capítulo II, apresentamos uma abordagem diferente das gramáticas em estudo, por embasarmos o nosso trabalho em uma visão funcional da linguagem. Buscaremos, com base nesses pressupostos, analisar toda a

situação comunicativa que envolve os pronomes ora estudados, levando em consideração a finalidade do evento, seus participantes e o contexto discursivo envolvido na comunicação, para assim entendermos a função textual-discursiva dos pronomes em estudo.

Mas, por que temos que levar em consideração a transitividade oracional e a função textual-discursiva? Por que não consideramos serem as funções apresentadas nos estudos gramaticais do capítulo I as funções prototípicas e finalizamos o estudo? Uma das respostas para estas perguntas é o fato de termos assumido o compromisso de fazermos um estudo funcional da linguagem, tendo em vista o seu constructo oracional. Assim, não podemos simplesmente dar nomes às funções pronominais de A ou B, sem antes termos analisado, de forma gradiente, discursos com esses pronomes, levando em consideração todos os participantes, eventos e verbos que contribuem para o esclarecimento do que ocorre na oração em toda a sua elaboração.

Outra justificativa seria o fato de que, conforme diz Castilho (2012), o funcionalismo corresponde ao estudo das funções e estas estão associadas às relações estruturais entre os signos e os papéis assumidos pelos constituintes numa sentença. Vemos, então, que o papel pode variar dependendo da sentença; por isso, faz-se necessário aprofundarmos nos estudos desses pronomes considerando as sentenças, isto é, os diversos tipos de discursos em que os mesmos possam estar inseridos, e até que ponto as suas funções vão ser realmente prototípicas.

Mediante a função sintática dos pronomes, começamos a afunilar a nossa pesquisa e passamos a observar as funções dos pronomes átonos o(s), a(s), me, te contemplados em nosso trabalho. A partir da análise realizada sobre o *corpus*, vimos uma predominância da função sintática de complemento verbal realizada por esses pronomes com função geral de objeto direto ou objeto indireto.

Por fim, faremos uma seleção quantitativa dos pronomes apresentados e sua função sintática com base na gramática tradicional. Então, escolheremos com quais pronomes e função sintática trabalharemos. Em seguida, explicaremos o motivo da escolha realizada. Utilizaremos o fator prototipicidade para decidirmos com quais orações trabalharemos em busca da observação do nível de transitividade oracional apresentado.

3.1 A escolha do *corpus*

Para escolha do *corpus*, fomos ao Núcleo de Documentação da Cultura Popular – NUPPO, que é um órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, tem sua sede no térreo da Reitoria, Campus I, da Universidade Federal da Paraíba na cidade de João Pessoa, e é coordenado pela professora Beliza Aurea².

O NUPPO tem a missão de pesquisar, documentar e divulgar a cultura popular paraibana, contribuindo de forma relevante para a preservação do patrimônio material e imaterial da Paraíba. Além disso, promove a integração sistemática do estudo e da pesquisa da cultura popular através de equipes multidisciplinares, constituídas por servidores docentes e alunos da universidade. No NUPPO, a Professora Beliza Áurea nos mostrou os livros de contos populares narrados por Luzia Tereza dos Santos.

Diante do material apresentado, ficamos surpreendidos com a vasta obra de Luiza Tereza (3 Volumes: 1995, 2001, 2007) que narrou 236 histórias. Luiza Tereza apresenta uma marca de contos narrados, até então não superada. Os textos foram narrados entre 1977 e 1983. A título de comparação, podemos citar os irmãos Grimm, conhecidos no mundo inteiro, que possuem uma marca de 200 histórias narradas.

Segundo Pimentel (1995),

Na narração de Luzia Tereza, observavam-se não só as construções frásicas bastante curiosas, como expressões, termos já em desuso ou desconhecidos, por ela empregados, como se fossem próprios da narrativa, a ela inerentes. Acrescenta-se a estes aspectos a coerência da fabulação, o encadeamento lógico dos episódios para que se aquilate a importância dessa narradora não apenas em transmitir estórias, mas em fazê-lo com segurança, expressividade, força e beleza.

Luiza Tereza nasceu em Guarabira-PB, no dia 15 de março de 1909, e veio a falecer em 31 de maio de 1983. Durante 6 anos (1977 – 1983) gravou contos populares para o projeto “Jornada de contadores de histórias da Paraíba”. Boa parte das histórias que narrava ela

² É professora da Universidade Federal da Paraíba a quem agradecemos a forma prestativa e responsável com que nos deu suporte para seleção do *corpus* escolhido.

aprendeu na zona rural, quando criança em Guarabira-PB. Todos ficavam impressionados com sua memória, com a expressividade do seu rosto, com a forma como gesticulava e dava vida às histórias, com sua maneira de narrar de modo tão espontâneo, pondo na oralidade características dos personagens contados.

A preparação do *corpus* para a análise aconteceu primeiramente com a leitura dos 3 volumes de livros narrados por Luiza Teresa e, à medida que fomos lendo, destacamos todos os pronomes átonos o(s), a(s), me, te encontrados nos textos. Após a leitura, todas as orações que apresentam os pronomes em estudo foram destacadas e digitadas em arquivo computacional.

O tipo de texto narrado por uma contadora de história também trabalha a língua de forma contextualizada, ideia essa que é interesse dos estudos funcionalistas. Os textos em estudo foram transcritos mediante a narração da contadora de histórias e, embora tenham recebido um tratamento para serem vistos como um texto escrito em termos de pontuação e de organização dos parágrafos, os mesmos possuem marcas de oralidade perceptíveis na leitura, o que os configura em uma modalidade de textos escritos com fortes traços de oralidade no vocabulário, na ortografia, na informalidade, dentre outros aspectos.

Para tanto, analisaremos as funções sintáticas dos pronomes em estudo e sua prototipicidade. Em seguida, compararemos as funções sintáticas apresentadas gradativamente, buscando o seu grau de transitividade predominante. Sempre tendo como base a premissa de que quanto mais apresentarem traços para alta transitividade maior a tendência para figura; e quanto menos apresentarem traços para alta transitividade maior a tendência para fundo.

3.1.1 A filtragem do corpus

O fato de escolhermos narrativas tem relação com a pesquisa, pois o gênero narrativa sugere uma noção linguística que favorece ambientes de alta transitividade, os quais podem ser devidamente percebidos a partir dos critérios estabelecidos por Hopper e Thompson. Em seguida, a partir da tabela gradiente de transitividade, identificaremos o grau de transitividade nos trechos em que há participação dos pronomes elencados.

Após a digitação, promovemos a contagem de ocorrência desses pronomes nos textos de Luzia Tereza e verificamos um total de 1242, assim distribuídos no Quadro IX:

Quadro IX: Distribuição quantitativa de ocorrências dos pronomes encontrados.

Pronome oblíquo encontrado	Número de ocorrências	Percentual	Ocorrências por Volume		
			Vol. I	Vol. II	Vol. III
O e LO	02	0,08 %	01(o)	00	01 (lo)
ME	1079	86,94 %	526	291	262
TE	161	12,97 %	71	60	30

Serão analisados os trechos em que há ocorrência do pronome *me*, tendo em vista o fator prototipicidade de frequência do mesmo diante dos outros pronomes átonos em estudo. Conforme se verifica na tabela IX acima, o percentual de usos do *me* é de 88,94% em comparação ao do *te* que é de 12,97%, o que já sinaliza uma frequência predominante do primeiro, confirmando seu *status* de pronome prototípico.

Vale ressaltar um fato que nos chamou atenção; apesar de termos encontrado 1242 ocorrências dos pronomes átonos em estudo no nosso *corpus*, só foi possível identificarmos um uso do pronome *o* e um uso do pronome *lo* nos exemplos que seguem:

Exemplo com *o*:

“A mãe fez uma boiazinha par o rapaz, encomendou-**o** a Deus e a Nossa Senhora e ele arribou no meio do mundo.” (Volume I, página 233)

Exemplo com *lo*:

“Eu vou pegar camarada macaco! Eu vou comê-lo. Eu vou comer ele.” (Volume III, página 203).

Embora tenhamos optado por trabalhar com o pronome prototípico, agora já apresentado como sendo o pronome *me*, procuramos identificar alguma justificativa da ocorrência sinalizada de pouca ocorrência do pronome oblíquo *o*.

Em seguida, analisamos a função sintática de todos os pronomes destacados e percebemos que é recorrente a função de objeto direto no pronome *me*. Feito isso, fizemos um recorte de 10% das orações para fazermos o teste da transitividade oracional, considerando esse percentual em cada volume.

3.1.2 Justificativa da pouca presença do pronome oblíquo “o”

Conforme já dito, os textos narrados por Luzia Tereza apresentam fortes marcas de oralidade. Foram transformados em textos escritos preservando o máximo possível os seus traços orais. Uma das marcas características desse tipo de texto oral é a presença de ela(s) ou ele(s) no lugar do o(s) ou a(s). Segundo Câmara Jr. (2004, p. 96), “um dos traços mais característicos do português do Brasil é o uso de ele (e suas variantes feminino plural, como um acusativo; ex.: Vejo ele, em lugar de vejo-o.”

Existe uma tendência no português falado de se evitar o uso dos pronomes oblíquos o(s) e a(s). Conforme afirma Monteiro (1994, p. 87), “o objeto direto anafórico em português é, além disso, e com mais frequência, expresso pelas formas do caso reto ele(s) e ela(s), com mais tática de fuga dos clíticos o(s) e a(s)”.

Nos estudos de Matos (2008) sobre o pronome *lhe*, também foi ressaltada a tendência do pronome oblíquo *lhe* assumir, com muita recorrência no português do Brasil, o papel de acusativo e não de dativo. Matos (2008) sinaliza que “o usuário da língua faz as escolhas que considera mais eficientes para obter comunicação, mesmo que isso contradiga a gramática tradicional.”

Para Calles (2006), o emprego do *ele* acusativo em substituição ao clítico na língua escrita não é usual. Entretanto, na língua falada, a autora afirma que o mesmo vem sendo usado cada vez mais, sem estranhamentos ou reprovações causados por outros tipos de desvios vinculados.

Calles (2006), afirma também que

Na escrita, em textos formais, entretanto, forma reta em substituição ao clítico não é produtiva, a não ser em textos que refletem a fala, como em textos literários, piadas, tirinhas etc. No entanto, quando se trata de produzir o registro oral na escrita, pode ser uma estratégia eficiente para configurar maior naturalidade.

Acreditamos que foi exatamente este fato de querer fazer o texto escrito mais próximo possível do texto oral, da fala da analfabeta contadora de histórias Luzia Tereza, que fez com que encontrássemos apenas dois pronomes oblíquos *o* em todos os três volumes; logo, fomos

buscar nos textos o uso do acusativo no lugar dos o(s) ou a(s). O nosso levantamento encontrou um número de ocorrências distribuído conforme o Quadro X a seguir, em que se apresentam os casos de ele/ela acusativos e as respectivas ocorrências para cada volume da obra:

Quadro X: Distribuição quantitativa de ocorrências de ele/ela acusativos.

Casos de ele/ela acusativos (Número de ocorrências)	Ocorrências por Volume		
	Vol. I	Vol. II	Vol. III
209	47	130	32

Após observarmos uma considerável presença de 209 casos de ele/ela acusativos, podemos justificar a ausência de o(s) e a(s) nas narrativas, visto que os mesmos estão substituídos pelas formas acusativas ele(s)/ela(s), embora os textos sejam escritos; ou seja, verifica-se que há indícios de oralidade perceptíveis no vocabulário dessas narrativas analisadas, e que essas marcas orais são destacadas de forma diferente justamente por não fazerem parte da língua escrita e por estarem ali como reforço da oralidade da narradora.

CAPÍTULO IV: ANÁLISES

4.1 Resultados

Conforme explanado nos procedimentos metodológicos, foi constatado o pronome *me* como sendo o pronome prototípico no *corpus* analisado. Levando-se em consideração a tabela gradiente de transitividade apresentada no quadro VIII, após analisados os critérios apresentados no quadro VII, apresentaremos a seguir vinte análises realizadas com o pronome em questão. Ressalte-se que, nas dez primeiras ocorrências, o pronome *me* exerce a função sintática de objeto indireto; e nas outras dez, a função sintática de objeto direto.

O uso de “+“ ou “-“ indica a presença ou a ausência do critério de transitividade, tal como se verificará nas análises de cada trecho:

Exemplos de trechos selecionados (objeto indireto):

- 1) “— Eu estou caçando um velho que faz três dias que ele me deu um bilhete para eu trazer hoje.”

Crítérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

- 2) “— Eu lhe fiz um bem e você me fez mal.”

Crítérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

- 3) E ela **me** fez todo afago pensando que eu fosse o marido dela.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

- 4) — Dormiu. Mas ele não **me** tocou.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	+
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	-
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

- 5) — Ô Fulana, você **me** prepare uma roupa que eu vou à missa da Serra do Sino.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	+
3. Aspecto do verbo	-
4. Punctualidade do verbo	-
5. Intencionalidade do Sujeito	-
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	-
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	-

- 6) — Mande a dona da casa **me** dar um copo d'água que eu estou morrendo de sede.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	-
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+

9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

- 7) — Ô meu filho, comadre fada **me** disse que nessa viagem você ia ser muito feliz.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

- 8) — Princesa, o que foi que você **me** disse? Você disse que casava comigo quando o Príncipe Louro chegasse?

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

- 9) — Compadre **me** deu aquele volume, disse que era muito dinheiro e era papel de jornal.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	+
3. Aspecto do verbo	-
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

- 10) O que a senhora e o padre **me** disseram, eu fiz.

Critérios/Traços	Transitividade
------------------	----------------

1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Após essa análise de dez orações com o pronome *me* na função sintática de objeto indireto, faremos a seguir a análise de mais dez orações que contemplam o mesmo pronome agora na função sintática de objeto direto. Ratificando que o uso de “+” ou “-” indica a presença ou a ausência do critério de transitividade.

Eis os exemplos de trechos selecionados em que o *me* funciona como objeto direto:

- 11) “— Rei meu senhor, vou lhe dizer. Naquela viagem que você fez, a negra daqui **me** chamou para eu ir para o açude para ajudar ela com o pote.”

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

- 12) “— Ô Genival, que felicidade para nós! Tu **me** tiraste de um sofrimento muito grande.”

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

- 13) — Vocês são umas faladeiras! Bela **me** tratou muito bem.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

14) Esse rapaz de coragem me desencantou e veio atrás de mim.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

15) Graças ele, que me caçou com muito trabalho eu fui desencantada.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

16) É porque eu fui dormir muito tarde, o sono me pegou.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+

10. Individuação do objeto	+
----------------------------	---

- 17) “Eu vou atrás das três princesas, filhas do rei. Eu pego aqueles dois camaradas que **me** enganaram.”

Crítérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

- 18) — Agora eu vou na cidade onde mora o meu vizinho que **me** traiu com minha mulher.

Crítérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

- 19) “Eu nasci e **me** criei aqui. Morreram meu pai e minha mãe. Morreu toda a minha família.”

Crítérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	-
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

- 20) Ah! Agora muito bem! Agora, tu **me** soltaste, eu vou fazer teu marido te matar e ganhar a alma dele.

Crítérios/Traços	Transitividade
------------------	----------------

1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Punctualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

Buscando sustentar a ideia de que o pronome *me* pode ser analisado sob uma perspectiva da transitividade oracional, temos como objetivo apresentar a sua atuação no discurso, observando, nos exemplos, a sua função sintática e a sua função textual-discursiva. A separação das análises em funções sintáticas semelhantes deu-se para determinar o resultado dentro da tabela gradiente de transitividade, com a possibilidade de se fazer uma correlação entre as orações e de se vivenciar a ideia já apresentada no item 2.2.1, quando destacamos que, segundo Naro, Votre (2002, p. 43), para o funcionalista, todos os mecanismos que têm a mesma função sintática devem ser reunidos e analisados sob o mesmo prisma.

Com o objetivo de melhor organizar e apresentar uma tabela que nos permita observar o resultado da análise de cada frase, destacamos a seguir os trechos das vinte frases analisadas e, em seguida, a Tabela de Análise 1 (objeto indireto) e a Tabela de Análise 2 (objeto direto):

- 1) “— Eu estou caçando um velho que faz três dias que ele me deu um bilhete para eu trazer hoje.” (OI/Vol.I/pág.28)
- 2) “— Eu lhe fiz um bem e você me fez mal.” (OI/Vol.I/pág.18)
- 3) E ela me fez todo afago pensando que eu fosse o marido dela. (OI/Vol.I/pág.18)
- 4) — Dormiu. Mas ele não me tocou. (OI/Vol.I/pág.18)
- 5) — Ô Fulana, você me prepare uma roupa que eu vou à missa da Serra do Sino. (OI/Vol.I/pág.27)
- 6) — Mande a dona da casa me dar um copo d’água que eu estou morrendo de sede. (OI/Vol.I/pág.35)
- 7) — Ô meu filho, comadre fada me disse que nessa viagem você ia ser muito feliz. (OI/Vol.I/pág.292)
- 8) — Princesa, o que foi que você me disse? Você disse que casava comigo quando o Príncipe Louro chegasse? (OI/Vol.I/pág.60)

- 9) — Compadre **me** deu aquele volume, disse que era muito dinheiro e era papel de jornal. (OI/Vol.III/pág.117)
- 10) O que a senhora e o padre **me** disseram, eu fiz. (OI/Vol.II/pág.107)
- 11) “— Rei meu senhor, vou lhe dizer. Naquela viagem que você fez, a negra daqui **me** chamou para eu ir para o açude para ajudar ela com o pote.” (OD/Vol.I/pág.35)
- 12) “— Ô Genival, que felicidade para nós! Tu **me** tiraste de um sofrimento muito grande.” (OD/Vol.I/pág.40)
- 13) — Vocês são umas faladeiras! Bela **me** tratou muito bem. (OD/Vol.I/pág.136)
- 14) Esse rapaz de coragem **me** desencantou e veio atrás de mim. (OD/Vol.II/pág.40)
- 15) Graças ele, que **me** caçou com muito trabalho eu fui desencantada. (OD/Vol.II/pág.52)
- 16) É porque eu fui dormir muito tarde, o sono **me** pegou. (OD/Vol.II/pág.122)
- 17) “Eu vou atrás das três princesas, filhas do rei. Eu pego aqueles dois camaradas que **me** enganaram.” (OD/Vol.II/pág.176)
- 18) — Agora eu vou na cidade onde mora o meu vizinho que **me** traiu com minha mulher. (OD/Vol.III/pág.140)
- 19) “Eu nasci e **me** criei aqui. Morreram meu pai e minha mãe. Morreu toda a minha família.” (OD/Vol.III/pág.76)
- 20) Ah! Agora muito bem! Agora, tu **me** soltaste, eu vou fazer teu marido te matar e ganhar a alma dele. (OD/Vol.III/pág.91)

Tabela de Análise 1: Objeto indireto

Ex.:	Partic.	Cinese	Aspecto do Verbo	Punctualidade do verbo	Inten. Do Sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade sujeito	Afetamento do objeto	Indiv. do objeto	Total
1	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
2	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
3	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
4	+	+	+	+	+	-	+	+	-	+	8
5	+	+	-	-	-	+	+	-	+	-	5
6	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
7	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
8	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
9	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
10.	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8

Total	10	2	8	9	9	9	10	9	4	9
-------	----	---	---	---	---	---	----	---	---	---

A partir dessa tabela 1, podemos atestar em relação ao *me* na função de objeto indireto e mediante a indicação de cada critério percebido verticalmente que:

- 1) Todos os exemplos selecionados apresentam mais de um participante e as modalidades das orações são reais, isto, é apresentam evento mais efetivo.
- 2) Em relação ao aspecto do verbo, a situação está normalmente finalizada.
- 3) A intenção explícita do sujeito também é predominante.
- 4) A individuação do objeto também é predominante, confirmando uma tendência para transitividade.

Verificando a tabela horizontalmente, podemos assegurar que:

- 1) A presença dos critérios, conforme tabela gradiente de transitividade, oscila de alta a muito alta, mais para alta do que para muito alta. Apresenta apenas um de nível Média (5).
- 2) Os exemplos (3), (4), (6), (7), (8) e (10) demonstram um ambiente textual-discursivo de alta transitividade oracional.
- 3) Diante dos exemplos (1), (2) e (9), em relação à tabela gradiente de transitividade, verifica-se um muito alto grau de transitividade.

Analisados e comparados os dez exemplos do pronome *me* na função de objeto indireto, podemos afirmar que o mesmo possui uma predominância de trechos que vão de média a muito alta transitividade oracional, implicando que o pronome *me* com esta função sintática apresenta-se num contexto linguístico mais compatível com figura do que com fundo. Para Soares (2000), figura seria o essencial, o principal, o central; e o fundo seria o acessório, o detalhe, o secundário.

Feita a avaliação dos trechos com o pronome *me* na função de objeto indireto, em seguida apresentamos a Tabela 2 em que constam os dez trechos selecionados com esse pronome funcionando como objeto direto:

Tabela de Análise 2: Objeto direto

Ex.:	Partic.	Cinese	Aspecto do Verbo	Punctualidade do verbo	Inten. Do Sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade sujeito	Afetamento do objeto	Indiv. do objeto	Total
11	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
12	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
13	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
14	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
15	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
16	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
17	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
18	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
19	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+	6
20	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	9
Total	9	0	10	9	10	10	10	10	6	10	

A partir dessa tabela 2, podemos atestar em relação ao *me* na função de objeto direto e a com indicação de cada critério percebida verticalmente que:

- 1) Quase todos os exemplos selecionados apresentam mais de um participante e pontualidade do verbo.
- 2) Em relação ao aspecto do verbo, a situação está finalizada em todos os trechos.
- 3) A intenção explícita do sujeito também é predominante.
- 4) A individuação do objeto também é predominante, confirmando uma tendência para transitividade.

Verificando a tabela horizontalmente, podemos confirmar que:

- 1) A presença dos critérios, conforme tabela gradiente de transitividade, oscila de média a muito alta, mais para alta do que para muito alta, visto que apresenta apenas um trecho no nível médio e dois em nível alto, sendo os demais muito alto.
- 2) A partir do exemplo (19), pode-se dizer que o pronome apresenta um ambiente textual-discursivo de transitividade média, visto que o mesmo apresenta seis critérios para transitividade.
- 3) Os exemplos (11), (13) e (15) demonstram que o pronome em questão participa de um ambiente textual-discursivo de alta transitividade oracional.

- 4) Diante dos exemplos (12), (14), (16), (17), (18) e (20), em relação à tabela gradiente de transitividade, verificamos um muito alto grau de transitividade.

Nas vinte orações exemplificadas, verificamos, conforme tabela gradiente de transitividade, que nove estão em um nível de muito alta transitividade e relevância discursiva mais voltada para figura do que para fundo, ratificando a ideia proposta anteriormente de que textos narrativos possuem este tipo de transitividade. As demais orações dividem-se em oito orações de alta transitividade e três orações de média transitividade.

A análise das orações considerou todos os seus componentes, isto é, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, visto que, Segundo Matos (2010, p. 50),

No funcionalismo, a transitividade é concebida enquanto processo não absoluto, sob uma perspectiva que relativiza as possibilidades de análise do construto oracional, superando a dicotomia “transitivo” ou “não transitivo” por uma postura que visa à escalaridade, em termos do “mais transitivo” ou “menos transitivo”. Trata-se de uma visão gradiente de transitividade que considera todos os participantes, eventos e verbos que podem contribuir para melhor expressar o que ocorre na oração como um todo: a transitividade oracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado no início deste texto, a proposta de nossa pesquisa foi a de estudarmos os pronomes *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te* a partir da perspectiva funcionalista de estudos da linguagem cuja abordagem prevê uma análise desses pronomes não apenas mediante as suas funções sintáticas pré-estabelecidas pela gramática tradicional, mas considerando também o universo discursivo em que estão inseridos. Em face disso, foi estabelecido como objetivo deste estudo verificar, junto àqueles pronomes, a sua prototipicidade, o seu funcionamento sob a ótica da transitividade oracional, bem como a sua função textual-discursiva, observando, ainda, a sua participação no relevo do discurso (figura/fundo).

Nossa pesquisa também se inspirou em um estudo já realizado sobre o pronome *lhe* (cf. MATOS, 2008), o qual serviu de motivação para desenvolvermos um trabalho semelhante, agora envolvendo outros pronomes, mas obedecendo a mesma base teórica, ou seja, a linha funcionalista de investigação da língua(gem). Assim, mediante as delimitações metodológicas apresentadas no capítulo III, e as análises do *corpus* explicitadas no capítulo IV, passamos a descrever, a seguir, as conclusões a que chegamos com nossa pesquisa.

Na primeira análise realizada sobre transitividade oracional envolvendo dez ocorrências do pronome *me* como objeto direto e dez ocorrências como objeto indireto, verificou-se que, em ambas as funções sintáticas, esse pronome apresenta uma transitividade que vai de média a alta transitividade oracional. Em seguida, considerando as outras oitenta e oito orações, pudemos fazer o teste para confirmar a transitividade oracional e ratificamos que, de fato, o *me*, tanto na função de objeto direto como objeto indireto, representa uma transitividade oracional de média a alta.

Em termos de relevância discursiva, foi percebido em nossas pesquisas com o pronome *me* um fato semelhante ao que foi verificado com pronome *lhe*, que é a ocorrência de um maior grau de transitividade em textos narrativos, indicando que o mesmo estaria voltado mais para figura do que para fundo, o que comprova as nossas hipóteses iniciais sobre o relevo discursivo do pronome *me*.

Com isso, e considerando a proposta levantada de que o aprendizado das categorias gramaticais seria útil para o aprendizado na sala de aula, e de que a partir dela o indivíduo entenderia a função das palavras de forma contextualizada, verificou-se, após o levantamento da função sintática do pronome *me*, o seu relevo discursivo e ficou claro que ele faz parte da

informação mais importante do texto, uma vez que ele é figura e, na figura, estão concentradas as informações mais relevantes. Porém, estudar apenas a função sintática, em nosso caso de objeto direto ou indireto, não nos levaria a essa contextualização percebida no estudo do relevo discursivo.

Percebemos que, embora uma estrutura possa desempenhar papéis distintos em um determinado texto, o papel que ela desempenha pode sofrer variações, e predomina mais um papel que outro. Dessa forma, a presença de um pronome *me* numa estrutura oracional significa que ali estão as informações mais importantes, porque esse tem maior transitividade; e a alta transitividade significa maior informação, maior quantidade de dados, maior discursividade. Concluímos então que, ao identificarmos o pronome *me* na oração, estamos diante de uma de suas partes mais essenciais, já que esse pronome participa do relevo discursivo de figura.

Uma vez cientes disso, estamos indo além da função sintática e percebendo a função textual-discursiva do pronome em questão. A função textual-discursiva corresponde ao entendimento de que o pronome *me* participa de uma transitividade mais alta e compõe o lugar de figura e não de fundo; logo, o lugar de mais informação. Uma forma de ratificarmos isso seria atentarmos para o fato de que, ao ouvirmos/lermos uma narrativa, podemos identificar, provavelmente, o lugar em que se concentra a maior parte das informações desse texto, observando os vários empregos do pronome *me* na tessitura textual. Ao vislumbrarmos isso, estamos indo além da função sintática; mas não significa dizer que devemos abandoná-la, pois a mesma sinaliza a presença do pronome *me* e, conseqüentemente, a presença de uma maior transitividade oracional; logo, se tem maior transitividade oracional, há a chance de se ter o relevo discursivo mais alto, o que significa que as informações de figura do texto estão contidas nesse espaço.

Retomando os questionamentos levantados no início da pesquisa, alegamo-nos em conseguir respostas para os mesmos, e ao percebermos que essas respostas foram as esperadas.

Percebemos também, a partir do estudo da análise sintática e do estudo das categorias gramaticais realizado nas narrativas do presente *corpus* que apresentam a língua do dia a dia, língua em funcionamento, visto terem sido transcritas de narrativas orais ressaltou, embora não pretendêssemos, o fato de que termos uma gramática tradicional que traz exemplos já tradicionais do texto escrito pode ser substituído nas práticas das salas de aula por textos que apresentem a língua que é usada no dia a dia, a língua em funcionamento mesmo que sejam

textos transcritos de narrativas. Esta ocorrência na pesquisa, nos mostra que é possível modificar a forma de ensinar, iniciando com a permuta da utilização de exemplos de livros didáticos já engessados dentro de um livro por exemplos de textos da língua em funcionamento.

Em relação à validade do estudo das estruturas enquanto categorias gramaticais, é possível verificá-las se as observarmos no todo discursivo; pois, o estudo dessas estruturas sem a consideração, por exemplo, de perspectivas como as propostas neste trabalho, torna o ensino e o aprendizado desse conteúdo curricular raso e limitado.

Assim, importa menos para a interlocução com o texto se pararmos apenas na função sintática; devemos ir além. Quando, em nosso *corpus*, verificamos o uso excessivo do *me*, por exemplo, vemos que o mesmo desempenha um papel importante na narração da narradora e, graças a essa presença marcante, podemos sugerir que tudo que ela diz é figura, relevante; por isso ela usa sempre esse *me* para dar importância, relevo a isso que está dizendo.

Vale ressaltar que usar o *me* para dar relevo ao texto não é algo que se aprende na escola; faz parte dos usos da língua isso acontecer, não é algo planejado, e sim, algo que surge a partir do usuário, do falante da língua.

O estudo da transitividade pode auxiliar na formulação de estratégias capazes de sinalizar a participação de estruturas linguísticas na construção do relevo discursivo e, conseqüentemente, na compreensão do texto como um todo comunicativo. Verificamos que a transitividade pode auxiliar nessa formulação, mas não de uma transitividade somente, é necessário que seja uma transitividade oracional. O estudo somente para dizer que é transitivo, intransitivo, enquanto complemento do verbo, não acrescenta muito; o que vai acrescentar é considerar essa transitividade oracional enquanto processo na oração.

O estudo da transitividade oracional pode ajudar, porque mostra onde há maior transitividade ou menor transitividade. Se há maior transitividade oracional, há maior tendência para figura, querendo dizer que este será o espaço onde estarão as informações mais importantes do texto, compreendendo-o como um todo comunicativo e não como algo solto. Por isso, a importância de estudarmos o *me* em um conjunto.

Em relação à prototipicidade, mais um ponto de estudo proposto nesta pesquisa, utilizamos primeiramente o fator prototipicidade de frequência e, a partir deste, escolhemos trabalhar com o pronome *me*, visto ser esse o que apresentou maior número de ocorrências no *corpus* analisado. Em seguida, fizemos as análises dos pronomes *me*, considerando dez por cento das ocorrências; a partir, primeiramente, da análise da função sintática que nos trouxe

como funções recorrentes o *me* na condição de objeto indireto e/ou objeto direto, sendo a função de objeto direto mais prototípica que a de objeto indireto, uma vez que tivemos 68% com a função de objeto direto e 32% com a função de objeto indireto.

Saber qual a função prototípica ajuda-nos a analisar aquilo que é mais regular no uso de determinado elemento da língua. Em nosso estudo, por exemplo, analisamos a transitividade oracional dos pronomes prototípicos, no nosso caso o *me*; e concluímos que a transitividade alta é uma tendência dos prototípicos; por isso, ao analisarmos as 108 orações, trabalhamos com o que era frequente, o objeto direto e indireto. Assim, vimos que o elemento prototípico é o pronome *me* justamente por ter maior frequência nas narrativas, e essa frequência se dá no papel de objeto direto e objeto indireto. Por ser o *me* o pronome prototípico, o regular, isso nos levou a uma melhor e mais clara compreensão de sua função textual-discursiva, em função, sobretudo, dessa regularidade.

Portanto, mediante esta pesquisa, é possível ver que o estudo das categorias gramaticais – unido ao estudo do relevo discursivo e de toda a dinâmica que o envolve em sua transitividade oracional, relevância discursiva, função textual-discursiva e prototipicidade – vai muito além do simples estudo das funções sintáticas pré-determinadas; mas sim, perfazem todo o universo discursivo que envolve os pronomes oblíquos *me* analisados. A presente pesquisa nos instiga também a termos vontade de analisar outras classes de palavras para verificarmos o construto discurso que as envolve mediante cada situação e, assim, percebermos de que modo a relevância discursiva pode se fazer presente.

REFERÊNCIAS

ALI, M. Said. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editoria Universidade Brasília, 1964.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes de. **Compêndio de Gramática Latina**. Porto: Porto Editora, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

_____. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

CÂMARA JR. Mattoso. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CALLES, Diva Cleide. Considerações sobre estratégias alternativas ao clítico de terceira pessoa na representação do acusativo anafórico. **Revista Letra Magna**. n. 4, v. 3- n. jan/jun, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Páginas 17 – 42. Funcionalismo e Gramáticas do Português Brasileiro. In: SOUZA, Edson de (Org.). **Funcionalismo Linguístico: Novas Tendências Teóricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 7. ed. revista. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S/A – Indústria e Comércio, 1976.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. – 5ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. “Transitivity in Grammar and Discourse”. *Language Journal of the Linguistic Society of America* Baltimore, Md 56, 1980.

INFANTE, Ulisses. **Gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 1996.

KURY, Adriano da Gama. **Lições de Análise Sintática (Teoria e Prática)**. 5. ed. Aumentada. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Culturas S/A, 1970.

_____. **Pequena Gramática para explicação da Nova Nomenclatura Gramatical**. 7. ed. Melhorada e Aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961.

MACEDO, Alzira V. Tavares de Macedo. Funcionalismo. **Veredas**. Juiz de fora. v.1, n.2, jan/jun 1998.

_____. Transitividade: de uma perspectiva categorial/formal para uma perspectiva oracional/funcional. In: SILVA, Camilo Rosa; MATOS, Denilson Pereira de. (Orgs.). **Sintaxe do Português: Abordagens Funcionalistas**. João Pessoa: Editora da UFPB/UFPBVIRTUAL, 2010.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1972/2001.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. 1 ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

MATOS, Denilson Pereira de. **Perspectivas gramatical e discursiva no uso do pronome lhe**. 2008. (Tese) Doutorado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal Fluminense – UFF. Rio de Janeiro, 2008.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. **Introdução à Linguística: Fundamentos epistemológicos**, vol. 3. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes Pessoais**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NARO, Anthony Julius; VOTRE, Sebastião Josué. Páginas 43 - 48. Mecanismos Funcionais do uso da língua: função e forma. In: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da Gramática**. Niterói: Editora UFF, 2012.

NEVES, Braga e Paiva. **Texto e gramática**. Contexto, 2006.

PIMENTEL, Alencar. **Estórias de Luzia Tereza**. Volume 2. Brasília: Thesaurus, 2001.

_____. **Estórias de Luzia Tereza**. Volume 1. Brasília: Thesaurus, 1995.

_____. **Estórias de Luzia Tereza**. Volume 3. Brasília: Thesaurus, 2001.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 39 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

SOARES, Paulo Monteiro. **Planos Discursivos em Samba de Enredos Numa Perspectiva Histórica**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro: UFF, 2000.

VOTRE, Sebastião. **Linguística funcional: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

TORRES, Artur de Almeida. **Gramática Elementar da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S/A, 1967.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao Português: Fonologia e Morfologia da Língua Portuguesa**. Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro, 1961.

ANEXOS - PARTE 1

Fazem parte destes Anexos as 88 análises do pronome oblíquo **me** que totalizam juntamente com as vinte já apresentadas na parte das análises um total de 108 análises que significam dez por cento de ocorrências analisadas, conforme proposto que assim faríamos:

- 21) — Princesa, **me** viu? (OD/Vol.I/pág.43)
- 22) — Eu **me** escondi... (OD/Vol.I/pág.44)
- 23) — Ah, José, **me** vencestes! (OD/Vol.I/pág.49)
- 24) Esse meu marido, José, foi **me** ver para eu casar com o príncipe.(OD/Vol.I/pág.51)
- 25) — De noite, Jorge pegou a chorar, "Meu padrinho já **me** livrou de duas.
(OD/Vol.I/pág.55)
- 26) Ó meu Jesus, virgem nossa senhora, que é que eu faço? Escapei, mas agora o mar
me cobre. (OD/Vol.I/pág.60)
- 27) — Ah! **Me** deu vontade de andar pelo mundo. (OI/Vol.I/pág.70)
- 28) — Não. Tinha vez que alguma delas se aborrecia, mas aquilo passava. Todas três
me tratavam bem. (OD/Vol.I/pág.76)
- 29) **Me** deu uma vontade de caçar! (OI/Vol.I/pág.94)
- 30) Eu vou na casa do velhinho que **me** deu a tarrafa. (OI/Vol.I/pág.120)
- 31) — Ah! meu filho quando chega é tão brabo que eu já estou aqui encostada nessa
jarra d'água, que ele **me** queima todinha. (OD/Vol.I/pág.132)
- 32) — Ah! Ah! É você, Fulano? Você **me** enganou. (OD/Vol.I/pág.134)
- 33) Minhas irmãs, venham fazer comer para mim que eu estou com muita fome, que
Bela não **me** deu comer. (OI/Vol.I/pág.136)
- 34) Esse rapaz é João, que **me** desencantou, sofreu muito por mim. Eu só posso **me**
casar com ele. (OD/Vol.I/pág.361)
- 35) Oh! Minha irmã, tu não **me** conheces não? (OD/Vol.I/pág.352)
- 36) Todos os que estão aqui **me** ouvindo reparem o que eu vou fazer.
(OD/Vol.I/pág.339)
- 37) Ela **me** encantou porque queria que eu namorasse a filha dela. Eu não quis, ela **me**
encantou pra que eu não casasse com princesa nenhuma. (OD/Vol.I/pág.320)
- 38) — Eu **me** perdi no caminho e dei no palácio do rei. (OD/Vol.I/pág.314)
- 39) — Estou. Eu **me** perdi na mata. (OD/Vol.I/pág.309)

- 40)— Eu vim a bem de um negócio que a princesa me disse de manhã.
(OI/Vol.I/pág.307)
- 41) Essa cantiga de sapo e jia está me encabulando. (OD/Vol.I/pág.294)
- 42)— Ah, rainha! Vamos para o açude para a rainha me ajudar com esse pote d'água
que eu não posso. (OD/Vol.I/pág.33)
- 43) De noite, quanto eu me deitava na cama para dormir, saltava aquela jia em cima de
mim. (OD/Vol.I/pág.290)
- 44) Um índio me carregou. (OD/Vol.I/pág.280)
- 45)— Foram os pobres de Deus e de Nossa Senhora que me livraram da morte.
(OD/Vol.I/pág.279)
- 46) Você me roubou. (OD/Vol.I/pág.271)
- 47)— Tome mãe fada, a caixinha de renda que a serpente me entregou para o
casamento de Valdomiro com a sua filha. (OI/Vol.I/pág.257)
- 48) Essa viola foi do marido da mulher que me vendeu. (OI/Vol.I/pág.239)
- 49) Sou um rei coroado, que a mãe dela me coroou. (OD/Vol.I/pág.236)
- 50)— Ó minha avó, olhe, essa casinha que eu estou morando é numa mata que meu
pai me levou faz dias. (OD/Vol.I/pág.229)
- 51)— Olha, filha, amanhã vai fazer três dias que uma voz me disse que eu tenho que
levar você lá na mata. (OI/Vol.I/pág.227)
- 52) Ela me contou todo o passado e só pode ser a senhora a mãe dela.
(OI/Vol.I/pág.180)
- 53) Ela ficou em grande amargura quando você me carregou e não sei nem onde é o
lugar que ela mora. (OD/Vol.I/pág.180)
- 54) Já faz três noites que eu reclamo e você não me atende. (OD/Vol.I/pág.154)
- 55)— Quero. Ah, camaleão, você já me viu alguma vez? (OD/Vol.I/pág.150)
- 56)— Olha, marido, essa menininha me deram para nós criarmos. (OI/Vol.I/pág.140)
- 57) A cabrinha que o senhor me deu, fizeram uma troca— deram uma cabra sem valor
e ficaram com a cabrinha que o senhor me deu. (OI/Vol.I/pág.271)
- 58) Eu vou lhe dizer uma coisa, Maria. Olhe, você não me tempere nem me coma.
(OD/Vol.I/pág.252)
- 59)— Meu cordãozinho de ouro que as fadas me deram, faça aparecer outra
carruagem mais bonita do que aquelas das duas noites passadas.
(OI/Vol.I/pág.248)

- 60) — Eu não pego não. Quando eu estava varrendo o pó da farinha com os meus cabelos ela me deu uma toalha e eu varri o pó. (OI/Vol.I/pág.257)
- 61) Porque eu era preguiçoso, não trabalhava, você me deu muita surra. Agora você vai me pagar, mulher. (OI/Vol.I/pág.272)
- 62) — Ah! Aquela que me pegou, que é a minha mãe de criação, que tá me criando. Eu quero me casar com Maria. (OD/Vol.II/pág.21)
- 63) — Oxente! Quem é que tá me chamando dentro dessa mata? (OD/Vol.II/pág.26)
- 64) — Oh! Mas, minha mãe a senhora não me conhece mais! (OD/Vol.II/pág.53)
- 65) — É vivo. Minha mãe, quando cheguei lá, nem me conheceu. (OD/Vol.II/pág.54)
- 66) Ele sofreu por mim, foi quem me desencantou. (OD/Vol.II/pág.68)
- 67) — Eu me chamo feiura. (OI/Vol.II/pág.77)
- 68) — É, minha avó, a senhora me deu uma grande riqueza e essa riqueza tenho que partir um tanto para a senhora. (OD/Vol.II/pág.81)
- 69) Meu pai não pôde me educar. (OD/Vol.II/pág.103)
- 70) Ele me deu a roupa dele para mim. (OI/Vol.II/pág.107)
- 71) Ele nunca achou a quem dar a roupa, me deu. (OD/Vol.II/pág.107)
- 72) — Já me viu alguma vez? (OD/Vol.II/pág.109)
- 73) A alma me enganou. (OD/Vol.II/pág.130)
- 74) — Fui muito bem. Uma visão apareceu aqui e me mostrou o lugar onde estavam enterrados esses dois caixões de ouro e de prata. (OI/Vol.II/pág.141)
- 75) — Criado de meu pai, não me corte o cabelo, que a minha madrastra me matou e me enterrou nesse buraco. (OD/Vol.II/pág.154)
- 76) — Camaradas, vocês não estão me conhecendo não? (OD/Vol.II/pág.177)
- 77) Meu padrinho me mandou para aquela mata para os bichos me devorarem. (OD/Vol.II/pág.183)
- 78) — Foi, minha mãe. Ele pensou que me fazia um mal, fez foi um bem. (OI/Vol.II/pág.183)
- 79) O senhor dos macacos já me pediu a meia cuia emprestado para medir o dinheiro de prata, agora me pediu para medir o de ouro. (OD/Vol.II/pág.208)
- 80) — Seu vigário, eu chamei e ela não me respondeu. (OI/Vol.II/pág.204)
- 81) — Daniel, você é um grande! você agora vai se casar com minha filha, que você me ajudou na guerra. (OD/Vol.II/pág.187)

- 82)— É, meu pai, se não fosse Daniel, seu reinado era tomado. Matavam o senhor com toda a família e me levavam a força para eu casar com aquele bicho. (OD/Vol.II/pág.187)
- 83)— Vê não. Olhe, vê você, mas não me vê, que eu sou encantado. (OD/Vol.II/pág.33)
- 84) Eu dormi numa casinha e uma velhinha me ensinou o projeto. (OI/Vol.II/pág.53)
- 85) Agora eu vim pagar o favor que tu me fizeste. (OI/Vol.II/pág.67)
- 86)— Foi Nossa Senhora! Eu pedi a Nossa Senhora e ela me ouviu. (OD/Vol.III/pág.48)
- 87) Tu me aleijaste e depois me mataste. (OD/Vol.III/pág.87)
- 88)— Ah! tu me enganaste, hem! (OD/Vol.III/pág.91)
- 89)— Mas compadre! Compadre me enganou. (OD/Vol.III/pág.117)
- 90) Meu pai morreu, eu não quis ficar sozinho na casa onde morava, me destinei pelo mundo caçar emprego. (OD/Vol.III/pág.90)
- 91) Quando ela ia dar em mim, quando eu merecia, eu me ajoelhava nos pés dela. (OD/Vol.III/pág.128)
- 92) O homem que me contratou disse a mim que quando tivesse outro baile é para eu ir tocar. (OD/Vol.III/pág.131)
- 93)— Você não me matou. (OD/Vol.III/pág.140)
- 94)— Levo! Levo. Levo você para a dita mata onde você me deixou com os olhos furados. (OD/Vol.III/pág.140)
- 95)— Vamos, prepare o cavalo, como você me levou, eu levo você. (OD/Vol.III/pág.141)
- 96) Foi onde eu me soquei, que eu estava com os olhos furados, não via nada. Eu me soquei ali. Podia algum bicho vir me devorar... (OD/Vol.III/pág.141)
- 97)— Esse forasteiro me roubou! Esse forasteiro me roubou! Ele é ladrão. (OD/Vol.III/pág.145)
- 98)— Tá rei meu senhor quem me livrou da morte foi aquele home. (OD/Vol.III/pág.147)
- 99) O rapaz dela me chamou e eu tratei dela um mês. Agora, ela ficou boa, normal, eu ia para casa quando o senhor me chamou. (OD/Vol.III/pág.154)
- 100) Ela me deu uma barrica de dinheiro! Eu sei onde é o canto que me botaram. (OI/Vol.III/pág.173)

- 101) Eu sei onde é o canto que me botaram. (OD/Vol.III/pág.189)
- 102) Eu disse a você que só contasse essa história quando me visse cem vezes. Você já me viu cem vezes? (OD/Vol.III/pág.101)
- 103) — Rei meu senhor, aquela proposta que o senhor me disse, que me chamou de atrevido, porque eu vim falar sua filha a casamento. O senhor me chamou de atrevido. (OI/Vol.III/pág.154)
- 104) — Disse. Vinha me ver aqui. (OD/Vol.III/pág.116)
- 105) E eu me alimentei com o leite dela. (OD/Vol.III/pág.84)
- 106) — Algum dia eu me vingo. Ela me traiu, me enganou, eu me vingo! (OD/Vol.III/pág.81)
- 107) Para onde é que vai este homem me carregando para os matos! (OD/Vol.III/pág.41)
- 108) — Mulher! Mulher! A viagem que compadre mandou eu comer o bode no inferno, eu enriquei com este sacão de ouro e prata que o Diabo me deu. (OD/Vol.III/pág.30)

Tabela de Análises das 88 ocorrências anteriores:

Ex.:	Partic.	Cinese	Aspecto do Verbo	Punctualidade do verbo	Inten. Do Sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade sujeito	Afetamento do objeto	Indiv. do objeto	Total
21	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
22	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
23	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
24	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
25	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
26	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
27	-	-	+	+	-	+	+	-	-	+	5
28	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
29	-	-	+	+	-	+	+	-	-	+	5
30	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
31	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
32	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
33	+	-	+	+	+	-	+	+	-	+	7
34	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8

35	+	-	+	+	-	-	+	+	-	+	6
36	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
37	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
38	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
39	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
40	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
41	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
42	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
43	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
44	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
45	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
46	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
47	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
48	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
49	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
50	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
51	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
52	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
53	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
54	+	-	-	+	+	-	+	+	-	+	6
55	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
56	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
57	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
58	+	-	-	+	+	-	+	+	-	+	6
59	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
60	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
61	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
62	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
63	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
64	+	-	+	+	-	-	+	+	-	+	6
65	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
66	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
67	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
68	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
69	+	-	+	+	+	-	+	+	-	+	7

70	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
71	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
72	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
73	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
74	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
75	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
76	+	-	-	+	+	-	+	+	-	+	6
77	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
78	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
79	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
80	+	-	+	+	+	-	+	+	-	+	7
81	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
82	+	-	-	-	+	+	+	+	-	+	6
83	+	-	+	+	+	-	+	+	-	+	7
84	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
85	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
86	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
87	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
88	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
89	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
90	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
91	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
92	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
93	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
94	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
95	+	-	+	-	+	+	+	+	-	+	7
96	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
97	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
98	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
99	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
100	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
101	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
102	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
103	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
104	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8

105	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
106	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
107	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+	7
108	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	8
Total	85	0	76	86	84	79	88	86	0	88	

ANEXOS – PARTE 2

Fazem parte deste anexo todas as ocorrências dos pronomes o(s), a(s), me, te encontradas nos VOLUMES I, II e III do *corpus* trabalhado das narrações de Luzia Teresa.

As tabelas estão distribuídas por VOLUMES e apresentam duas colunas cada, assim organizadas:

1ª Coluna: Página da ocorrência no Volume em questão.

2ª Coluna: Ocorrência dentro da oração.

Pág.	Ocorrências dos pronomes o(s), a(s), me, te no VOLUME I
18	E ela me fez todo afago pensando que eu fosse o marido dela.
18	— Dormiu. Mas ele não me tocou.
18	— Meu irmão você, me matou porque não acreditou na minha palavra e nem na palavra de sua mulher.
18	Pensando que eu tinha sido falso a você, meu irmão, você me matou.
18	Só se você for lá em casa de meu pai de minha mãe para me ver.
18	Eu lhe fiz um bem e você me fez mal.
19	— Eu só queria achar quem me desse um menino para criar para fazer parilha com essa princesa!
20	— Ó minha senhora, este menino aqui tão louco, tão bonito, me dê para criar para mim que eu só tenho uma filha.
20	— Zezo eu quero me casar com você!
20	Princesa, cace um príncipe para se casar, que eu não quero me casar com você não. Eu estou me abusando de você, princesa!
22	— Vou , ainda vou. Enquanto os bichos não me comerem eu não deixo de ir não.
22	— Quero o quê! Quero casar com vocês não. Vocês quase me matavam, quase me devoravam.
22	Vocês quase me matavam, quase me devoravam! Quero o quê! E eu vou-me embora.
22	— Vai, infeliz desgraçado! Assim mesmo, quando você estiver em precisão, diga: "Valha-me, meu cavalo preto e uma lança" E você será válido em traje de príncipe.
23	— Caso não, meu senhor. Se eu não me casar com Zezo, não caso com mais ninguém.
24	— Mas, Zezo!... Está. Antes eu queria que o bicho tivesse me comido do que me casar com esse negro velho!
24	Eu caso com esse negro, mas nem encosto nele. Eu me encosto nesse negro velho o quê!
27	— Ô Fulana, você me prepare uma roupa que eu vou à missa da Serra do Sino.
28	— Eu estou caçando um velho, que faz três dias que ele me deu um bilhete para eu trazer hoje.

32	Era um bicho que nem um cachorro, arranhou-me e ficou mordendo o pau em que eu me assubi.
33	Que faz a criada? "destá, bichinha, que eu te dou fim! Olhe, eu vou dar fim!"
33	— Ah, rainha! Vamos para o açude para a rainha me ajudar com esse pote d'água que eu não posso
33	— Não, não tem nada não. Ele não sabe não que a senhora vai me ajudar com este pote d'água que eu não posso.
34	— Arre! Arre, Satanás! Agora eu te dou fim.
34	— Minha irmã, me valha! O rei quer me matar que é para dar o fígado à negra para não perder o filho.
34	Quando os garotinhos correm para lá e dizem "minha irmã, me valha", aquela voz responde: "Eu não posso lhe valer, meu irmão. Eu com um filho nos braços e a água pelo pescoço!"
34	— Minha irmã, me valha!
35	— Rei meu senhor, vou lhe dizer. Naquela viagem que você fez, a negra daqui me chamou para eu ir para o açude para ajudar ela com o pote. Eu fui. Chegou lá, ela me empurrou dentro d'água.
35	— Mande a dona da casa me dar um copo d'água que eu estou morrendo de sede.
38	— Ô rapaz, eu vou lhe perguntar uma coisa. Olha, você fala comigo, conversa, o que é que você pensa da sua vida? Você pensará que eu vou me casar com você? Pois bem, rapaz, se você pensar que eu converso com você é interessada a me casar com você, não é não.
39	Ele tinha um namorzinho comigo pensando que eu ia me casar com ele. Eu sou uma princesa, não podia me casar com o filho de uma fada. Ele foi, mandou a mãe dele me encantar com este traje de homem e esta máscara na cara. Olha, Genival, quem pode me desencantar és tu, porque es afilhado de São Jorge e São Jorge é um guerreiro forte.
39	É para cercar a casa da bruxa e matar ela e o filho. Só assim, Genival, tu me desencantas.
40	— Meu padrinho! É agora, meu padrinho! Me valha, meu padrinho.
40	— Meu padrinho, me valha de novo que eu vou buscar aquela princesa!
40	— Ô Genival, que felicidade para nós! Tu me tiraste de um sofrimento muito grande.
40	— Ô rapaz, só te pagarei tu casando com a minha filha.
42	— Ah! Quando tu estiveres em vexame, diga: "valha-me o rei dos pássaros!" Que tu serás valido.
42	— Ah, Zacarias! Zacarias, quando tu estiveres em vexame, diga: "Valha-me nosso rei dos peixes!" Tu serás valido.
42	— Olha Zacarias, quando tu estiveres em vexame, diga: "Valha-me o rei dos carneiros!" Que tu será valido.
42	— Valha-me o rei dos pássaros!
43	— Eu quero me esconder, que a princesa não me veja nem o livro dela reze.
43	— Princesa, me viu?
43	Ah, Zacarias! Eu até me agradei de você.
43	— Está certo. Vou ver se me escondo.
43	— Valha-me o rei dos peixes!
43	— Eu quero me esconder, peixinho, que a princesa não me veja no espelho nem o livro dela reze.
43	— Princesa, me viu?
43	— Valha-me o rei dos carneiros!
43	— Carneiro, o que eu faço para me esconder, que a princesa não veja com espelho dela nem o livro reze?
43	— Espere aí. Eu te viro num pulga e tu passas a noite mordendo ela. Não deixes ela dormir!
44	Ela ia no livro: o livro não reza, "Agora é que eu vou me casar com Zacarias mesmo!" E a pulga haja morder—não deixa ela dormir de jeito nenhum.
44	— Eu me escondi... Teve um cantinho que eu me escondi...
44	— Meu pai, agora eu vou me casar com Zacarias.
45	Foi passando assim, em frente do palácio do rei, viu a princesinha brincando no jardim. Disse: "Mas o que é que eu faço para roubar aquela princesa pra me casar com ela?"

	ele viu um homem assim, chamou:
45	— Olhe, rapaz, eu lhe dou muito dinheiro se você roubar aquela princesinha e me levar para cidade dos turcos.
46	— Minha filha, essa medalhinha, você dá para eu guardar. A medalhinha!
47	— Príncipe meu senhor, eu não disse não. Mas como ele disse, eu me atrevo.
47	— Meu cavaleiro, o que é que eu faço? O vassalo me alevantou um falso e disse que eu ia buscar uma princesa na cidade dos turcos.
49	— Ah, José, me vencestes! Podes levar a princesa para o príncipe se casar, que eu nunca achei quem me vencesse.
49	— Rei meu senhor, eu não disse isso não, mas como ele disse que eu tinha dito, eu me atrevo.
49	— José, eu não já te disse: o que estiver em cima da terra eu resolvo tudo. Pode ir.
50	— Príncipe, agora você faça que nem José, que é de todo o gosto de me casar com você! Se você fizer o mesmo serviço que José fez aí eu me caso de muito gosto com você.
50	— O José, ele não foi me buscar, mandou você: não está vendo que eu ia me casar com ele! Eu vou me casar é com você, que foi quem teve todo o trabalho, teve coragem de ir me buscar.
50	Esse meu marido, José, eu vou te dizer uma coisa: hoje é o dia de eu ir embora.
50	— Não. Mas chegou o dia de ir-me embora. É hoje. Vá ver a princesa para eu me despedir dela.
51	Esse meu marido, José, foi me ver para eu casar com o príncipe.
51	“— Eu fui criada na cidade dos turcos. Fui roubada pequenina. Esse meu marido, José, foi me ver para eu casar com o príncipe.”
53	— Rei meu senhor, eu não disse não. Mas como ele disse, eu me atrevo.
53	— Não é de chorar! Amanhã eu vou saltar da torre do palácio, com penas de morte. Um falso que me levantaram.
54	— Rei meu senhor, eu não disse não. Mas como ele disse eu me atrevo.
55	— Eu não disse não, rei meu senhor. Mas como ele disse, eu me atrevo.
55	— De noite, Jorge pegou a chorar, “Meu padrinho já me livrou de duas”.
56	— Ô princesa, o avassalo de teu pai formou três planos para me matar.
58	— Eu vou passear na beira mar para me distrair que minha vida está muito penalizada de minha mãe.
58	— Oxente! O que é isso? será algum peixe que quer me comer?
59	— Oh! que princesa bonita! Eu vou me casar com essa princesa.
59	— Eu vou me casar com você.
59	— Eu só me caso com o senhor, rei, quando o Príncipe Louro chegar.
60	— Ô meu Jesus, virgem nossa senhora, que é que eu faço? Escapei, mas agora o mar me cobre, as águas me afogam.
60	— Princesa, o que foi que você me disse? Você disse que casava comigo quando o Príncipe Louro chegasse?
60	— Eu disse lá isso, rei meu senhor! eu vou lá deixar de me casar com o Príncipe Louro para me casar com o senhor que já é viúvo!
60	— Não quero não, rei meu senhor. Se eu tiver de me casar, só caso com o Príncipe Louro.
62	— Eu, para matar a fome, bastava me deitar no colo da Princesa da Pedra Fina.
63	— Eu não quero comer não. E amanhã eu vou-me embora pelo mundo.
63	Muito na frente, chegou assim num lugar que nem um arruado — que nem uma rua, mas sendo de pedras só, só, só. Então, tinha assim uma loca debaixo de uma pedra, ele disse: “Ah! Eu vou me hospedar aqui. Vou passar a noite aqui. Isso é bem dormida de alguma onça... ”Ele andava prevenido — ouviu! — Amado. Entrou naquela loca, ficou lá: “Se for dormida de onça ou ela me mata ou eu mato ela!” Ficou.
64	— Ah, Joaquim! Faltam dois dias para tu me desencantares.
65	— Mas, me diga uma coisa, Joaquim.
68	— Mas, fada, me diga uma coisa: e quando é que esse meus filhos se desencantam?
69	Só queria no palácio do rei. Chegue lá, porque a rainha, e diga assim: “Olhe, rainha

	minha senhora, me dê um empreguinho, que eu sou uma peregrina, preciso de trabalhar." Agora não vá dizer nada sobre o passado — nem sobre você, nem sobre mim. Senão dobra meu encanto.
69	— Valha-me! Volta aqui!
70	— Ah! Me deu vontade de andar pelo mundo.
73	— Mas meu filho, não faça uma coisa dessa! As suas três irmãs sumiram até hoje, você também quer me deixar?
74	— Seu guarda, vá dizer ao rei e a rainha que venha cá que eu ando pelo mundo trabalhando para me manter. Eu preciso arrumar um trabalho para arranjar dinheiro para me manter.
75	— Francelino! Ali vem um cavaleiro... pareceu meu filho. Ah! Quem me dera fosse meu filho!
76	— Meu filho, me diga uma coisa: suas irmãs lhe maltratavam?
76	— Não. Tinha vez que alguma delas se aborrecia, mas aquilo passava. Todas três me tratavam bem.
81	— Amanhã eu chego lá bem cedo com a selinha. tu te amontas em cima de mim e nós vamos viajar.
82	— depois, você tire a banha e me traga aqui.
83	— Quando vier, é para me trazer aqui a lágrima do pássaro que chora.
84	— Ô Zacarias, amanhã vão te matar. A tua mãe vai mandar te matar pelo macaco, que é amante dela. Antes do macaco te matar, tu dizes assim: " Ô minha mãe, quando me matar aqui se apresenta uma burrinha. A senhora pague meus restos mortais e bote em cima da burrinha."
89	— Aí é que me caso com você. Que eu não posso me casar com você e ela ficar encantada.
89	— Ah! Deus me livre! Eu vou lá o quê! Por mim ela não é desencantada nunca!
89	— Vou o quê? Nem me conte mais que eu não vou lá desencantar essa princesa não.
91	— Meu primo me acode, que aqui tem uma cobra!
91	— Calma! Calma, Fulano, não tem nada não. Ela não te mata não!
93	— Ah, irmãzinha, me dê água senão eu morro de sede!
93	— Minha irmãzinha, me dê água!
93	— Minha irmãzinha, me dê água que eu estou com sede!
93	— Minha irmã, ou você me dá água ou eu morro de sede!
94	Me deu uma vontade de caçar!
95	— Meu pai, eu trouxe essa moça para me casar com ela. E se eu não me casar com ela não me caso com mais ninguém. Quero me casar com essa mocinha.
97	— Meu irmão, me acode que esta defunta quer me pegar! Quer me carregar!
97	— Não, meu irmão! Esta defunta me leva!
97	— Me acode, meu irmão, que esta defunta me mata!
100	— É, meu pai só me dá assim. Enquanto a pessoa não souber onde é que está a vida dele, ele não me dá.
101	— Se precisar de ajuda, diga: "Valha-me o rei dos gaviões!", que será válido.
101	— Ai, ai, príncipe! Não me mate! Me jogue no mar que eu lhe dou tudo o que você quiser.
102	— Papai, me diga onde está sua vida que eu quero zelar. Eu quero rezar.
102	— Papai, me diga, papai.
102	— Papai, me diga! é possível que o senhor não me diga onde é que está sua vida! Meu pai está me enganando. Não me engane não, papai!
103	— Ah, meu pai! Agora, sim! Agora eu vou rezar por sua vida. Vou lá pra beira mar, me ajoelhar na praia e vou rezar para o lado do mar.
103	— Ah! Olhe, moça. Pode ficar ciente que eu vou acabar com a vida dele para me casar com você.
103	— Amanhã eu vou para beira mar. Eu vou acabar com a vida dele para me casar com você.
103	— Valha-me rei dos peixes!
104	— Valha-me o rei dos carneiros!
104	— Valha-me rei dos gaviões!
108	— Botinha me bota numa cidade bem elevada.

108	(Não sei do nome dele... Júlio! Agora que eu me lembro. O rapaz se chama Júlio)
108	— Pronto, Julio, você venceu a guerra mais meu pai. Agora eu tenho todo prazer, Júlio, de me casar com você.
109	— Que é que você está me dizendo?
111	Eu vou te ensinar um plano para tu desencantares facilmente.
113	— Rapaz, quando você se encontrar com precisão, diga: "Valha-me o rei das abelhas" E você será valido.
114	— Valha-me o rei das abelhas!
115	— Valha-me o rei das abelhas!
115	— Valha-me o rei das abelhas!
117	— Aí dizia com ele mesmo: "Ah! minha mãe bem que me disse que eu não fizesse essa viagem!
117	— É para você me trabalhar um ano de graça, só pelo comer.
120	— Oh, Dão João, desde que você saiu de lá de seu reino que eu sabia que vinha me desencantar!
120	— Eu vou na casa do velhinho que me deu a tarrafa.
124	— Ai, me dá água! Me dá água! Me dá água!
124	— Me dá água! Me dá água!
125	— Me dá água! Me dá água!
126	— Estava com medo dos bichos. Podia aparece um bicho e me pegar.
130	— Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!
130	— Me dê água! Me dê água!
131	— Aqui me fede a sangue realç! Aqui me fede a sangue real!
132	— Agora eu fiquei sem a princesa, vou-me embora sozinho.
132	— Ah! meu filho quando chega é tão brabo que eu já estou aqui encostada nessa jarra d'água, que ele me queima todinha.
132	— Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!
132	— Me dê água! Me dê água! Me dê água!
133	— Eu estou esperando pelo meu noivo que foi ontem comprar uma casa na cidade, mobiliar para vir me buscar.
134	— Ah! Ah! É você, Fulano? Você me enganou.
134	— Agora eu vou matar ela e me casar com você.
136	Então ela se lembrou: "Eu tenho medo de me casar por causa do que minha mãe me disse",
136	Bela disse:"Mas, o que é que eu faço para me casar? Eu tenho medo de me casar por causa do que minha mãe me disse. "Depois ela disse: "Ah! Isso é besteira! Eu vou me casar assim mesmo!".
136	— Minhas irmãs, venham fazer comer para mim que eu estou com muita fome, que Bela não me deu comer.
136	— Minhas irmãs me acudam que eu estou para morrer de fome que Bela não me deu de comer.
136	— Vocês são umas faladeiras! Bela me tratou muito bem.
137	— Fulana, eu tenho um segredo para te contar, mas tu não podes descobrir nunca. É um grande perigo! Olhe, Fulana, no dia em que eu me casar, vou ficar encantada por três anos.
137	Mas tu não sejas falsa a mim! Tu dizes a ele assim: "Olhe, Fulano, eu me casei com você, mas é para passar três anos sem você dormir mais eu. é uma promessa que eu fiz".
137	— Olha no dia em que eu me casar, vou para detrás da casa.
137	Eu sigo vestida no traje com que eu me casar.
137	Vistas a mesma roupa de noiva e tal hora venhas para qui te encontrares comigo. Tu dizes a meu marido: "Olha, eu me casei com você, mas eu só me encosto em você com três anos. Foi uma promessa que eu fiz. eu não, posso quebrar de jeito nenhum".
138	— Tu nunca fostes falsa a mim. Isso é que ser amiga leal! Tu vales tudo, Eu vou te dar uma casa de presente. Um casa boa. Vou te dar de presente também muito gado.
140	— As minhas outras filhas tem me dado netos e você ainda não me deu um netinho...
140	— ô vizinha de mamãe, me dê essa menina para mim.
140	— Olhe, a senhora me dá essa menina, eu crio como filha.

140	— Olha, marido, essa menininha me deram para nós criarmos.
141	Eu vou me arrumar para ir amanhã.
141	— Daqui a três dias você vai resolver se me aceita, ouviu! Eu sou dono de sua honra ou lhe mato.
142	— Ah! minha filha, não caso não! Você tem muita riqueza, que eu já lhe dei, mas eu não posso me casar com você não.
143	— Ah! Meu patinho que me salvou! Foi quem salvou a minha vida.
143	— O pato estava pescando no rio. Chegou mais tarde. Ela disse: "Agora eu vou olhar o que a voz me disse".
144	— Minha mãe quem me desencantou foi essa princesa.
144	— Está certo, minha mãe. Eu quero me casa com ela.
144	— Estou, minha mãe. Me casei com esse príncipe.
146	— Princesa, as tuas duas irmãs vão te matar com inveja porque eu sacudi aqueles buquês de rosas no teu colo. Mas, princesa, eu vou te dizer uma coisa: tu não grites por mim. que dobras meus encantos. Elas vão te matar, mas não conseguem. Não tenhas medo.
146	— Valha-me meu príncipe!
146	Eu não disse, princesa, que tu não gritasses por mim! Elas não te matavam.
147	— Olha, eu vou te dizer como vai ser para tu me desencatares.
147	Na beira do rio tem um pau assim, tu te atrepes por causa das feras.
147	— Minha mãe, eu vou-me embora pelo mundo feito uma peregrina, que as minhas duas irmãs já quiseram me matar por causa daquele príncipe. Elas invejaram, tiveram muita ambição e eu vou-me embora pelo mundo.
147	E dormia numa casa e andava no outro dia; dormia noutra... foi, andou, andou, andou... quando chegou muito longe, deu no rio caudaloso. Ela disse: "Agora eu vou me atrepar nesse pau..."
150	— Quero. Ah, camaleão, você já me viu alguma vez?
150	— Com três dias, vá ver o padre, faça aqui um festim, que venho para me casar.
151	— Olhe, com três dias você me chegue aqui neste buraco. Você não me traga nada de lá.
152	— Ah, ingrata! Agora está difícil de você me ver. Você vai me ver agora no Reinado do Camaleão. É difícil você me encontrar. Você foi falsa a mim. Eu não disse que não trouxesse nada de lá! Você trouxe. Estava tão pertinho de eu me desencantar!... Agora eu vou para o reinado de meu pai.
152	Oxente! O príncipe chegou lá no Reinado do Camaleão, tinha uma princesa, disse: "Ah! Eu vou tratar do príncipe para me casar com ele".
153	—É, Você está dormindo, não acorda para me ver.
153	Eu trai você, mas você me disse que se eu quisesse ver você viesse para este Reinado. E eu estou aqui, tratando de você e você não me vê.
154	Já faz três noites que eu reclamo e você e você não me atende.
155	— É. Aquela princesa estava tratando de minha ferida para casar comigo, mas eu não posso me casar com ela que eu já sou casado com você. Eu não posso me casar com outra mulher.
155	— Que é que está me dizendo, príncipe! Que conversa é essa?
155	— Eu era noivo seu, sim. Mas eu nunca disse que ia me casar com você.
155	— Pois a mulher com quem eu me casei há muitos anos é está moça aqui, a filha do fazendeiro.
155	Eu era casado com esta moça que é filha do fazendeiro, não posso me casar com você.
159	— Agora se você quiser me ver tem que ir ao reinado tal.
159	— Meu pai eu vim me despedir do senhor. eu vou-me embora.
161	Eu estou aqui e você não me vê!...
161	— Príncipe, olhe. Olhe ontem a noite eu ouvi uma voz no seu quarto dizendo:"Príncipe, você não disse que eu viesse em reinado de tal parte, que ia se casar comigo! Eu já estou aqui. Vim passar uma noite com você e você não me vê!"
162	E você não faz conta de mim. Já faz duas noites que eu venho aqui e você não me vê.
164	— Mas eu estou para morrer de fome! Eu vou comer, não me importo com nada disso.
164	Ah! José, você não me desencanta assim não!
164	Você vá se confortar, vá comer bem, para você ir sofrer um bocado para poder me

	desencantar.
165	— aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!
165	— Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real
165	— José , vou passar aqui três dias para você melhorar. Depois eu vou-me embora para o meu reino.
165	— Bem, José, amanhã eu vou para a beira mar. vou tomar um navio e vou-me embora para minha cidade. Nos três dias que eu for embora, você vai andando, chega na beira mar e me espera que eu venho busca-lo. eu venho no navio e levo você para casa comigo.
166	A princesa vem me buscar para casar comigo.
167	— Agora eu vou-me embora daqui.
167	— Ah, José! Mas, o que eu faço? José não me aparece!
168	— Olhe, mamãe, apareceu o rapaz que sofreu por mim. Eu quero me casar com ele.
170	— Cabecinha, olhe, eu vou-me embora para casa que já está ficando tarde e minha avó tem cuidado em mim.
171	— Cabecinha, está ficando tarde. Eu quero ir-me embora que minha avó e meu avô tem cuidado em mim.
171	— Minha avó, a cabecinha me disse que amanhã eu fosse que tinha uma conversa comigo, um negócio.
171	— Maria, é para eu me casar contigo, que eu estou gostando muito de ti. Está certo, Maria?
171	— Está aqui, minha avó e meu avô, esse bocado de dinheiro que a cabecinha me deu para comprar comida, que ninguém tem nada, aqui vive tudo passando necessidade.
171	Eu só vou lá no dia de me casar.
172	— Maria, tal dia tu mandas o teu avô ver o padre, botar em tua casa para quando chegar na hora eu me casar contigo.
172	Que fez Maria Rica? Sabe o que Maia Rica fez? Com inveja porque Maria Come Bredo casou-se com a serpente, disse:"Eu também vou me casar com uma serpente que eu quero ser uma princesa e meu marido um príncipe!"
175	Estou me abusando.
176	Meu pai não quis meus passarinhos aqui, também não me quer no palácio.
178	Por causa de meu pai que não fez minha vontade eu me performei num pássaro.
178	— Rainha, um pássaro chegou, me carregou de minha mãezinha! Minha mãezinha ficou lá, sem nada, só tinha eu.
179	Agora chegou o dia: ela me desencantou, eu tenho que casar com ela.
179	— Quando eu era menino, o meu divertimento eram os pássaros e nas montanhas, quando eu me performei num pássaro, eles me ajudaram a viver.
180	Ela ficou em grande amargura quando você me carregou e não sei nem onde é o lugar que ela mora.
180	Ela me contou todo o passado e só pode ser a senhora a mãe dela.
181	— Vou não, porque eu tenho minha casinha, nasci e me criei aqui e quero morrer no meu cantinho.
183	Eu tenho visto você muitas vezes e me agradei de você, porque eu tenho que ser desencantado por uma mocinha pobre.
184	Olhe, a senhora vai me ajudar a desencantar o príncipe.
184	É para a senhora me ajudar.
184	Prepare o traje do príncipe e me dê que ele estará mais ela amanhã.
187	— E o senhor, como um burro, pode me zelar, pode me sustentar?
188	Agora, se tu quiseses me ver é no Reinado do Pau Amarelo.
189	— Ah! Eu vim me valer do senhor.
189	O senhor me dá notícias do Reinado do Pau Amarelo?
190	Ela fez uma grosseria comigo por causa da avó, mas sofreu por mim, me desencantou.
190	Eu vou me casar com Maria.
193	Quem me dera agora ver. Quem de amor está doente!
194	Quem me dera agora ver Quem de amor está doente!
194	Quem me dera agora ver Quem de amor está doente!
195	Quem me dera agora ver Quem de amor está doente!
195	— Pronto, minha mãe. Esta é a princesa Iraní. Foi quem me desencantou.

195	— Iraní, eu vou te dizer uma coisa.
196	— Ah! Quem me dera que fosse minha filha!
196	Se você, minha filha, demorasse mais uns dias, não me achava mais vivo.
204	— Agora. Alexandrina, você vai me matar.
204	Você tem que me matar, Alexandrina, tem que ser assim: você não tem coragem de me matar, bote aqui um alfange que eu me mato com as minhas mãos.
204	— Eu não tenho licença de me casar com você, Alexandrina. Eu tirei você do sofrimento e você me desencantou, mas eu não tenho licença de me casar com você.
205	— Meu touro azul, me dê aqui uma carruagem e um traje bonito que nenhuma moça tenha na festa.
206	— Não, minha mãe, me diga quem fez este bolo. Não me negue.
207	— Touro azul, me dê aqui uma carruagem, traje de princesa bem decente, eu toda cheia de jóias bonitas.
207	— O que é que eu quero com você? Me casar com você.
207	— Oh! Agora eu me lembro, agora vamos nos casar.
209	— Meu pai, me traga de lá um passarinho.
209	— Ô papai, me faça uma casinha que eu quero morar sozinha mais meu papagaio.
209	— Quem?! você vai me dizer mais tarde.
209	— Olhe, encha uma bacia d'água e bote perfume dentro pra eu me banhar.
210	Tu não me desencantas mais. Se tu quiseres me ver um dia, terás de me procurar no Reino da Torre de Brilhante.
210	— Eu vou me distrair pelo mundo.
212	— Ô príncipe Papagaio, tu não disseste que se eu quisesse te ver viesse no Reino da Torre de Brilhante!
212	— Oh! príncipe Papagaio, tu não disseste que eu quisesse te ver viesse ao Reino de Brilhante!
212	— Ô príncipe meu senhor, olhe, eu já ouvi duas noites uma revelação. Uma voz de mulher diz: "Ô príncipe Papagaio, tu não disseste que se eu quisesse te ver viesse ao Reino da Torre de Brilhante! Já são duas noites e tu não falas. Que sono pesado é esse?" Já são duas noites que eu ouço essa voz.
213	— Ô príncipe Papagaio, tu não disseste que se eu quisesse te ver viesse ao Reino da torre de Brilhante!
214	Eu não quero me casar com você não, que quem eu queria já apareceu.
214	Eu tenho que me casar com ela, que não vou pagar firmeza com a ingratidão.
217	— Eu tive. Eu, para mim, aquele leão ia me matar.
220	— Rainha senhora, me dê os cobertores que eu lhe pedi.
223	— Eu não posso te aparecer.
224	Eu sou órfã de pai e mãe, quero que a senhora me dê aqui um trabalhozinho.
224	Me botou aqui para morrer de fome e sede, pensando que você demorava muito na viagem. Foi engano. Pelejou para pegar o lebrezinho, não pôde pegar. Ela queria me matar de fome e sede para eu não casar com você.
225	— Ah! Foi por isso? pós eu vou me casar com você.
226	— Olha, caçador, tu queres matar muita caça? Os primeiros olhos que tu vires antes de chegar em tua casa tu me dás, tu me trazes aqui.
227	Aí tu matas muita caça. Eu vou te enriquecer de caça.
227	— Pronto, agora sim! eu prometi à voz dar os dois olhos e quem veio me encontrar foi minha filha!
227	— Olha, filha, amanhã vai fazer três dias que uma voz me disse que eu tenho que levar você lá na mata.
227	— Está certo, meu pai, eu vou. Pode me levar que eu vou satisfeita, consolada.
229	— Ô minha avó, olhe, essa casinha que eu estou morando é numa mata que meu pai me levou faz dias.
229	— Olhe, menina, você não me engane. Se me enganar você vai sofrer um pouco.
229	— Ô ingrata! Eu não te avisei de que tu não aluminasse a minha cara! Pronto, agora tu vais sofrer muito para me ver. Eu te avisei que não queria luz, não trouxesses nada para cá.
229	Eu não te perguntei se tu tinhas trazido alguma coisa? Tu disseste que não tinha. Tu me

	mentiste e me enganaste! Olhe Fulana, agora vais sofrer um pouco por tua causa. Eu vou para bem longe. Se tu quiseses me ver, tu vais pelo meio do mundo como peregrina, passar em todas as lindas cidades, quando chegares a uma cidade que tiver uma matriz em frente do palácio, aí é onde meu pai mora.
229	Enquanto não chegares nesse lugar, não me encontras.
231	Ela me respondeu: " Meu filho vivia encantado, se desencantou, como é que uma peregrina vai ter um filho do meu filho, negra!"
231	Eu estou conhecendo você. Você... Foi a que me desencantou. Eu era virado naquele carneiro, você me desencantou.
232	— É, minha mãe, Julinha me desencantou.
233	A mãe fez uma boizinha para o rapaz, encomendou-o a Deus e a Nossa Senhora e ele arribou no meio do mundo.
234	— Minha mãe eu tenho uma vontade de me casar!...
235	— Eu estou com vontade de me casar.
235	— Minha mãe, eu disse à macaquinha que estava com vontade de me casar.
236	Levar dinheiro para ela que me deu conselho para casar com você.
236	— Minha mãe, eu me casei com a macaquinha.
236	Sou um rei coroado, que a mãe dela me coroou.
237	— É por isso que eu quero bem a meu filho, porque ele me ajuda. Que quando eu me levanto já está tudo pronto.
238	Hoje me deu vontade de andar.
238	— Dona Guilhermina, a senhora quer me vender essa viola?
238	— Apois bem. A senhora me venda essa viola que eu quero levar para casa.
239	Essa viola foi do marido da mulher que me vendeu.
239	Ela me disse que depois que eu tocasse a viola nesses lugares todinhos, fosse tocar na beira de um açude que estive em silêncio, que não tivesse ninguém.
241	Eu só posso me desencantar com o toque dessa viola.
241	E me alegrei também, me agradei dele e estou muito bem.
244	— É... Assim, não. A minha primeira mulher, mãe de Maria, me encomendou muito que eu não desse fim àquela vaquinha.
245	Olha, Maria, quando me matar, tu não deixes ninguém lavar o fatinho.
246	— Tudo que tu pedires a este cordãozinho de ouro, ele te dará.
248	— Meu cordãozinho de ouro que as fadas me deram, quero outra carruagem mais bonita, mais enfeitada do que a da noite de ontem.
248	— Meu cordãozinho de ouro que as fadas me deram, faça aparecer outra carruagem mais bonitas do que aquelas das duas noites passadas.
249	— Agora você vai para o meu palácio para eu me casar com você.
251	— Meu pai, quando senhor for para a feira, me compre uma corda de caranguejo.
251	— Agora eu vou me esconder.
252	— Meu caranguejinho de ouro, eu vim te buscar para matar para minha madrasta comer.
252	Eu vou lhe dizer uma coisa, Maria. Olhe, você não me tempere nem me coma.
255	Ela quer que eu me case com a filha dela, mas eu não caso. Se eu entender de me casar será com você.
255	— Delmira, eu quero que você vá me tapar aquele riacho que é para quando for no tempo do casamento de minha filha ter por onde passar todo mundo.
256	— O que é que você está me dizendo, Delmira! Deixe estar. Amanhã você vai me ver uma caixa de renda numa cidade bem longe daqui.
257	— Eu não pego não. Quando eu estava varrendo o pó da farinha com os meus cabelos ela me deu uma toalha e eu varri o pó.
257	— Não pego não. Quando eu estava aqui cheio de garranchos, cheios de paus, ninguém veio me limpar.
257	— Tome mãe fada, a caixinha de renda que a serpente me entregou para o casamento de Valdomiro com a sua filha.
257	A fada ficou pensando: "Agora eu vou inventar outra para ver se dou fim a ela. Agora é a terceira vez. Tenho que dar fim a ela. Eu mando trazer as coisas, ela me traz..."
257	É um toco branco de vela deste tamanho para você alumiar quando eu me casar.
258	— Ô Fulana, pegue aqui depressa essa vela que eu estou com uma dor de barriga chega

	estou me acabando!
258	— Não fiz nada que prestasse. Fiquei sem nada. Sozinha. Vou me acabar sozinha.
259	— Você nem se ocupe em me pedir a meu pai, que meu pai não dá, que você é pobre e ele é rico.
260	Agora eu vou caçar uma pobrezinha para me casar com ela.
263	— Foi me lembro.
265	— Fulano, me tire do seu bolso e abra.
266	— Não, rapaz! se eu for andar com você, matam você e me tomam. Ainda não chegou o tempo de me libertar.
267	— Eu tenho que me casar com ele.
267	Ô minha mãe... eu só posso me casar com ele, porque eu andei muito mais ele, dormi... Só não fiz dormir mais ele. Eu estou honesta como nasci. Só posso me casar com ele, minha mãe!
269	— Olhe, esta toalha, aonde você chegar, diz: "Põe-me, mesa!" que ela forma comer de toda qualidade.
269	— A senhora podia me dar uma dormida por esta noite, que já está escurecendo e eu vou aqui nesta estrada deserta, não queria dormir no meio do mato.
269	— Ah, meu senhor, voltei para trabalhar de novo que me roubaram a toalha no caminho!
270	— Diga: "Enche-te, bolsa! Despeja-te, bolsa!" A bolsa se enche de dinheiro.
270	— Eu tenho aqui uma coisa que vai-se comprar de um tudo agora mesmo: "Enche-te bolsa!"
270	— Despeja-te bolsa!
271	A cabrinha que o senhor me deu, fizeram uma troca— deram uma cabra sem valor e ficaram com a cabrinha que o senhor me deu.
271	— Agora eu vou me vingar!
271	— Se não me der, apanha logo de cacete!
271	Você vai me entregar os três objetos.
271	Você me roubou.
271	— Enche-te, bolsa! Despeja-te, bolsa!
272	— Aí, meu senhor, foi-se embora para casa com a toalha, a bolsa, a cabrinha e o cacetinho. "Agora, quando eu chegar em casa vou acabar com tudo quanto tiver. Vou acabar com tudo. Agora quem vai me pagar é a mulher!"
272	— Mulher, vem me encontrar!
272	— Põe-te, mesa!
272	— Enche-te, bolsa! Despeja-te, bolsa!
272	Porque eu era preguiçoso, não trabalhava, você me deu muita surra. Agora você vai me pagar, mulher.
274	— Minha avozinha, me venda esta rebeca.
274	— Rei meu senhor, eu queria que o senhor mandasse chamar meu pai, minha mãe, toda minha família para eu me despedir de todos, que eu vou morrer.
275	— Agora, rei meu senhor, falta o ultimo pedido. O senhor me dá licença para eu tocar nessa rebequinha? Essa rebequinha é a minha defesa.
275	— Ou o senhor me dá a princesa em casamento ou morre em dança.
275	— Pois mande buscar uma roupa de peíncipe para eu me trajar.
276	— Ô minha irmã, você tem muitos filhos, me dê uma menina dessas por mode estar mais eu uns tempos. Eu sou sozinha mais meu irmão: ele sai, eu fico sozinha. Você me dá uma de suas filhas, eu sou a tia dela, ela fica me fazendo companhia.
277	— Ai, minha tia! Minha tia! Quem é que me acode?
278	— Valha-me, minha madrinha!
278	— Valha-me minha nossa Senhora! Valha-me minha madrinha!
278	Este homem vai me levar para me matar.
278	— Minha filha, estás amarrada e vais ser assada viva pelos índios para te comerem.
278	— Ah! minha senhora! Aqui só Deus e minha Madrinha é que vão me valer dessa horas minguantes que eu estou passando.
278	— Toma, Conceição, esta chave de ouro que tua madrinha te dá. Tudo quanto pedires a esta chave ela te dará. Olha, vai se apresentar aqui um bichinho para tu te arretirares de dentro desta mata.

279	— Foram os pobres de Deus e de Nossa Senhora que me livraram da morte.
279	— Aquele caminho ia dar na cidade. Ela disse: "Minha chavinha de ouro, pelos pobres de Deus e de minha Madrinha, me dá aparecer aqui um dinheirinho para eu alugar uma casa na cidade para morar".
280	Vim acabar de me criar, até esta data, que estou com quinze anos, com uma tia, num lugar chamado serrotinho.
280	Um índio me carregou.
280	Assim fica mais fácil de tu te casares.
281	Conceição disse assim: "Agora eu vou conversar com esse guarda do rei para ele me contar esse negócio, que a vizinha disse que não tem quem abra."
282	— Minha chave de ouro, pelos pobres de Deus e de minha Madrinha, me dá eu abrir este palácio e desencantar tudo.
282	— Eu quero me casar com aquele ali.
282	Não posso deixar de me casar com esta moça.
283	— Me diga uma coisa: como é que se chama sua irmã?
283	— Ah! O senhor é meu tio! O senhor não me conhece não?
284	Ela me defendeu de tudo. Minha madrinha me achou presa e me soltou. Apareceu um veadinho, selado, eu me montei. Minha madrinha me deu esta chave e disse: "Tome, Conceição, esta chave. Tudo que você pedir esta chave de ouro dá".
284	A senhora pensava em me ver mais nunca?
285	— É para você me levar uma carta para minha irmã que mora em Baixa Verde.
285	— Tome. Você me leve esta carta para a irmã de Fulano, que mora em Baixa Verde.
286	Só me cheguem aqui todos três noivos.
287	— Eu vou na casa de minha madrinha me despedir dela.
287	— Minha madrinha, eu vim tomar a benção e me despedir.
287	— Toma, Manoel. Isto é para tu te divertires onde chegares. Toma também essa fita vai te servir bem.
287	Só me cheguem aqui com um ano, com as noivas, para nós nos juntarmos para ir para casa de nosso pai.
288	Manoel foi olhando assim, viu um negocinho que nem essa calçada: "Ah! Um canto bom de eu me assentar e dormir. Vou ver minha redinha".
288	Desde que tu chegaste na beira da lagoa que eu te conheço, sei quem tu és.
288	— Manoel vais te deitar que tu estás cansado.
290	De noite, quanto eu me deitava na cama para dormir, saltava aquela jia em cima de mim.
291	Vocês só me cheguem aqui com as noivas e as roupas costuradas para fazermos o casamento.
291	— Rei meu senhor, eu não posso me casar porque eu disse a meu pai que só ia me casar lá onde ele mora. Prometi que me casava junto com meus dois irmãos — que são esses aqui: cada um já arranjou uma noiva.
292	— Ah! Eu vou para me casar logo lá! Eu vou me casar lá na casa de meu sogro. Não quero nem me casar aqui no reinado.
292	Eu sabia, meu filho, que você ia ser muito feliz, que minha comadre me disse.
292	— Ô meu filho, comadre fada me disse que nessa viagem você ia ser muito feliz.
294	Essa cantiga de sapo e jia está me encabulando.
296	Quando foi um dia, Rosa teve um sonho em que uma voz dizia: "Rosa, eu vou te ensinar como é que tu desencantas a jia. Tu ajuntas um bocado de lenha para fazer uma coivarinha de fogo. Quando o fogo estiver com aquela labareda desta altura, tu pegas a jia e jogas dentro do fogo".
297	— Oh, meu filho! Quem me desencantou foi esta empregada que me zelou muito.
297	Agora eu vou me casar com você, Rosa.
305	— Quem me vale!
307	No meu reinado eu não quero você não, minha filha, que você me desmoralizou.
307	— Eu vim a bem de um negócio que a princesa me disse de manhã.
308	— Meu senhor para onde o senhor vai me levar?
308	— Meu senhor, não me mate sem confissão! Me deixe rezar aqui uma oração. Está aqui meu catecismo de reza. Quero rezar a Nossa Senhora, me encomendar a Deus para

	me confessar. Depois o senhor pode fazer o que quiser... Meu senhor, o senhor me mate mas não tire a minha virgindade.
308	— Princesa, me acuda! Me acuda!
308	A onça arrastou. Cravina disse assim: "Agora, sim! O que é que eu faço?" Ficou com medo: "Agora fiquei com medo. Pode ter outra e me pegar".
309	— Estou. Eu me perdi na mata.
311	— Eu me chamo Cravina. Me apelidaram desde pequeninha.
311	— Agora, rainha, você vai me contar quem é para mandar buscar essa princesa que é para ela descobrir onde botou você
312	— Você, princesa, agora vai me dar conta da moça que mandou matar na mata.
312	— Agora você vai me dar conta dela! com pena de morte.
312	— Minha filha, me perdoe!
314	Isto vai te custar caro!
314	— Eu podia te matar pelo roubo das minhas rosas, mas vou deixar com vida, agora, quando for com três dias tu trazes tua filha Raquel pra esse cantinho aqui. Ouviste?
314	— Eu me perdi no caminho e dei no palácio do rei.
314	Eu podia te matar pelo roubo das minhas rosas, mas vou te deixar com vida.
314	— Meu pai, vá me levar.
314	Te traja que mais tarde tua companhia chega.
315	Ela passou a noite sem dormir de jeito nenhum, com medo. "Essa cobra vem me matar."
316	Eu não me esqueço do senhor nunca.
317	— Ô papai, me traga um objeto de lá.
318	— Olhe, só leve um cravo pra Rosa, que nunca te pediu nada.
318	Esse cravo branco você me traz aqui e me traz Rosa. Quando você voltar, se não me trouxer Rosa e o cravo branco, se torna muito ruim para você.
318	O senhor me leva lá, que meu pai não vai sofrer por minha causa.
319	— Ô príncipe, me dê sua cabeça pra deitar aqui no meu colo.
320	— Ô príncipe, como é que eu posso me casar com você, que eu sou noiva de um rapaz!
320	Eu já dormi um ano com você, você me desencantou... Agora você vai se casar comigo.
320	Ela me encantou porque queria que eu namorasse a filha dela. Eu não quis, ela me encantou pra que eu não casasse com princesa nenhuma.
321	— A senhora pode me dá uma dormida, que estou de viagem?
323	— É só vires para aqui para baixo que a gente leva.
323	— Tu botas uma corda e te penduras.
324	— É a senhora, não me pede nada não?
323	Eu passei três anos chorando para desencantar o você.
323	Agora você quer me deixar por essa condessa?
327	— Tudo o que você quiser, é só me pedir.
328	— Minha sardinha de ouro, fazei com que a princesa fique grávida de mim sem eu me encostar nela.
328	— Mané, me diga o que foi que tu fizeste que eu tive este menino e tu não encostaste em mim. Como foi isso? Me diga, Mané.
329	— Quem foi aquele audacioso que fez um palácio sem me pedir licença? De frente pro meu palácio!
329	— Não me diga isso! É de Mané?
329	— Mané, vai te trajar. Como é que tu estás nestas condições!
329	— Deixe estar. Quando for a hora eu me trajo.
332	— Diga ao pai dos meninos que me apresente os três aqui no palácio.
333	— Papai, me leve para ver o mar, que eu nunca vi.
339	Todos os que estão aqui me ouvindo reparem o que eu vou fazer.
342	Essa espingarda e esse facão vão me servir bem.
343	— Olha se tu quiseses me ver agora é na cidade da Ponte de Marfim.
348	— Mas, é um peixe! Como é que eu posso me casar com um peixe? Você pode me sustentar, zelar por mim?
348	— Oxente! Eu posso me casar com um carneiro?
349	Naquele canto sozinho, trabalhando, com uns tempos disse assim: "Olhe, eu vou-me

	embora daqui. A voz me disse que eu andava um ano para dar com a casa de minha primeira irmã.
349	Aqui nesse meio de mundo há de ter alguma fada que vai me ensinar onde é esse canto, que fada sabe de tudo".
350	— Oh, minha irmã! Pensava não te ver mais nunca.
350	Eu me casei com o rei dos gaviões.
350	Manoel eu fico contente porque estou te avistando, mas depois fico triste porque meu marido é tão brabo quando chega!...
350	Manoel eu vou te dizer: está vendo estes pés de pau todinhos?
350	— Oh! Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!
351	— Maria tires uma penhinha do gavião e me dê para eu levar quando for embora a procura de nossas duas irmãs.
351	— Minha irmã, eu estou muito bem satisfeita que te avistei.
352	— Te aquieta, peixe!
352	Ainda não chegou o dia d'eu me desencantar.
352	Quero que você tire uma escama do peixe, seu marido, e me dê.
352	— Oh! Minha irmã, tu não me conheces não?
352	— Eu estou te conhecendo. Eu estou te conhecendo... Você não é Manoel, meu irmão?
357	— Bem, João, eu vou te dizer.
357	Hoje vai aparecer um bicho gigantado para te dá uma surra para te matar, que esse bicho não quer que se desencante nós três de jeito nenhum.
357	— Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!
358	Tu prestes atenção ao que eu estou te dizendo: são três surras que tu levas, João.
358	João eu vou te dizer uma coisa: nós vamos nos desencantar e vamos embora para o nosso palácio.
359	— Com uns três dias para quatro, João melhorou: "Quer saber de uma coisa? Eu vou-me embora daqui. Eu não sei onde estou, eu vou-me embora daqui".
360	Pode ela mandar me matar...
361	— João, eu vou trazer um traje de príncipe para tu vestires, que tal hora eu ia me casar com o príncipe. Mas tu chegaste, eu não vou me casar mais com ele.
361	Esse rapaz é João, que me desencantou, sofreu muito por mim. Eu só posso me casar com ele.
363	O senhor, das três, me dá uma para casamento?
363	— Deus me livre! Ave Maria! quero lá casar com caveira! Deus me defenda.
364	— Bem. Tome este dinheiro, prepare a casa bem preparada, que quando for tal dia de tal mês, eu venho para me casar.
365	— Ah! Se eu soubesse, tinha me casado com a caveira!
365	— Agora é tarde. Vocês tinham medo da caveira, disseram que não queriam se casar com ela e mangavam porque eu me casei com uma caveira... Está aí agora: eu feita uma rainha e vocês sem nada.

Pág.	Ocorrências dos pronomes o(s), a(s), me, te no VOLUME II
20	— Eu quero é Maria. Quem vai me pegar é Maria, não quero outra pessoa.
20	— Quem vai me pegar é Maria.
21	— Minha mãe, eu quero me casar com Maria.
21	— Ah! Aquela que me pegou, que é a minha mãe de criação, que tá me criando. Eu quero me casar com Maria.
21	— Mas eu não quero saber disso não. Eu tenho que me casar com Maria.
22	Eu vou te ensinar como tu desencantas o Príncipe Lagartão.
26	— Oxente! Quem é que tá me chamando dentro dessa mata?
27	— Joana, é agora na lua cheia que eu vou me desencantar.
27	Quem vai acabar de me desencantar és tu, no reinado do meu pai. Eu me desencanto assim que nem a pessoa quando bota um colete fica assim aberto: daqui para baixo, um tejuacu e a cabeça e os braços desencantados.
31	— Tem nada não, Joãozinho. Tu brincaste noite de são João, foi uma grande festa na casa de teu pai, quando for com um ano eu vou te transformar num bichinho que é para tu deixares de ser tão orgulhoso e bondoso.
31	"Meu pai, minha mãe, hoje é o dia de me encantarem num bichinho."

32	— Não me chame boinho não. Me chame Joãozinho, me chame príncipe Joãozinho. Isso é uma coisa suposta que eu tenho em cima de mim, suposta. Bem , eu vou te dizer uma coisa, Dapazinha. Amanhã tu vens para esse mesmo cantinho que eu te espero aqui. Você me promete de vim?
32	— Porque se tu não vier eu vou te buscar lá, vou te buscar lá.
33	— E disse que meu pai, agora pro são João vai fazer tabuleiro espalhado por todo o canto para me pegar.
33	— Mas não tem quem me pegue.
33	Vai me pegar e me desencantar.
33	— Eu vou me desencantar, me transformar num príncipe muito bonito decente e muito chique.
33	— Vê não. Olhe, vê você, mas não me vê, que eu sou encantado.
33	— Daqui a seis meses eu vou lá tirar a realidade de todo mundo, que meu pai disse que quem me desencantasse ganhava a metade do tesouro.
33	Olha, eu vou te dizer como é que tu fazes: tu pegas, passas um tempo na casa do meu pai empregada, fica trabalhando para esperar.
34	— Vocês todos quanto estão aqui me vendo, esses vaqueiros todinho, nenhum pegou o boi.
35	Ela me desencantou e eu vou me casar com ela.
39	Eu te dou todo meu sinal, eu te dou meu lenço com meu nome: você chegue, pode ir a minha procura, que eu vou embora agora.
40	Esse rapaz de coragem me desencantou e veio atrás de mim.
40	Agora eu tenho que me casar com ele.
40	Com esse rapaz é que vou me casar, porque isso foi minha sorte e a sorte dele.
40	— Ele sofreu por mim, teve coragem, me desencantou.
41	— Ah! Se meu irmão tivesse me acompanhado, agora tinha ganhado uma grande riqueza.
43	— Meu senhor, olha, eu pago bem pago se o senhor me fizer isso: ir comigo na casa dessa fada para desencantar minhas três filhas.
45	— Oh! Me desculpe eu lhe perguntar uma coisa: aqui na frente tem festa tem festa?
45	— Oh! O senhor pode me dar arranco aqui?
45	— É. Me diga uma coisa, meu velho, disse que aqui na frente tem uma festa no reinado de Lagoa de Campos verdes?
45	— Mas, meu filho, vou te dizer: ai tem um ministeriozinho.
45	Eu vou te ensinar como é que tu fazes com este bodoquinho.
50	Eu vou te dizer.
50	— Minha mãe, eu vou fazer uma viagem pelo mundo, ver se eu acho uma cidade em que eu me empregue para ganhar dinheiro para comprar roupa, comprar o que minha mãe e minhas irmãs precisar.
51	— Deus te abençoe, meu filho.
51	— Meu netinho, eu vou te ensinar como é que desencanta as três princesas.
51	Olha, eu vou te ensinar: quando tu pegares as três esperanças, tu botas dentro de uma caixinha—ela não avoa não,(ouviu?).
52	— Oh! Meu pai, pelo sofrimento em que eu vivia e ele me desencantou!
52	Graças ele, que me caçou com muito trabalho eu fui desencantada.
52	No dia que eu me casar o senhor faz uma festa.
53	— Oh! Mas, minha mãe a senhora não me conhece mais!
53	Eu dormi numa casinha e uma velhinha me ensinou o projeto.
53	Me casei com a princesa, hoje estou muito bem.
53	— Aqui, se você tiver boa vontade, você venha de tempos em tempos para me ver, tomar a benção a mim, tomar a benção a sua mãe.
54	— É vivo. Minha mãe, quando cheguei lá, nem me conheceu.
56	— Eu não vou te matar não, vou te encantar.
56	Te dar um exemplo, um castigo.
56	— Ah! Eu vou, vou me empregar na casa da princesa.
57	— Oh! Davi, eu vou te dizer uma coisa.
57	Olha, eu quero me casar com você, Davi.
57	Eu tenho uma simpatia, eu gosto de você e quero me casar com Você.

57	Davi, eu conheço que você é homem de coragem, mas só tem uma coisa: eu só me caso com você, se você for lá no mato esquisito trazer meus irmãos que estão virados em caveiras.
58	— Fulano, cria coragem que nem eu, que só me caso com a princesa se trouxer os três irmãos.
59	— Oh! Davi, aquilo que eu te disse tu fizeste.
59	E você vem me buscar aqui para assistir o festim na mesada da casa dela.
59	— Eu vim te buscar para assistir um festim.
59	Eu disse lá que vinha te buscar, não disseram nada.
60	— Nada, Davi, não vou te dizer nada.
60	— Oh! príncipe, você sabe porque você passou essa temporada neste castigo? Não se lembra mais não, príncipe? Depois eu me lembro.
62	Eu pago sua viagem bem paga para você me trazer essa fada aqui.
63	— O senhor mandou me chamar, porque o senhor tinha uma princesinha.
65	Quando você estiver em vexame, diga: me valha aquelas duas crianças a quem dei de comer e as cabras e as ovelhas que apanhei e amarrei em casa, que serei válido.
65	— Olha, Miguel, quando tu estiver em vexame, diga: valha-me rei dos peixes que serei válido.
66	— Valha-me o rei dos peixes.
66	— É para me pegar aquela pedra dentro do mar e jogar aqui no aceiro, na beira mar.
66	— Valha-me as duas crianças que eu dei de comer, as cabras que eu tirei do mato botei para casa e os carneiros!
66	— Oh! Miguel, tu nasceste para mim e eu nasci para tu, Miguel! Nunca houve quem me desencantasse!
67	Esta cestinha que eu te dou vai ser uma prova de que você me desencantou.
67	— Eu sou aquele morto, que andavam arrastando pela rua, tu não deixaste mais me arrastar, pagaste as minhas contas, fizeste o meu enterro, tocaste o sinal.
67	Agora eu vim pagar o favor que tu me fizeste.
67	— Agora, Miguel, tu vais viver muito bem, tu vais te casar com a princesa.
67	"Olhe, meu pai essas duas bandeiras eram de sentimento, que eu estava encantada. Mais essas duas bandeiras só saem daí do reinado quando quem me desencantou aparecer".
67	Olha, meu pai, aquele que me trouxe um presente que eu me agrada, com esse é que eu me caso, que seja pobre que seja rico.
67	— Meu pai, vai aparecer o presente, que nenhum desses me agrada.
67	Todo mundo acha bonito, mas não me agrada.
68	— Não, me agrado o quê!
68	— Me agradei. Essa cestinha é muito bonitinha.
68	Ah! Meu pai, com esse é que eu vou me casar, porque o projeto foi assim.
68	Quem trouxesse um presente que eu me agradasse era com esse que me casava e chegou agora Miguel.
68	É com ele que eu vou me casar.
68	Ele sofreu por mim, foi quem me desencantou.
71	Ele disse:"Oh! Que moça, meu Deus! vou me assentar junto com essa moça.
72	— Eu num quero me casar agora não.
72	Quero me casar mais na frente.
72	— Então, toma , fulano, essa toalha, quando tu disser:"Põe-te, mesa!" Aparece nela comer de toda qualidade.
72	— Toma, Fulano, essa bolsinha. Quando tu gritar: "Enche-te, bolsa!" Essa bolsa enche-se de dinheiro.
73	— Enche-te, bolsa!
73	— Rainha minha senhora, o homem tem uma bolsa que quando ele diz:"Enche-te, bolsa!"e "fecha-te, bolsa!" É dinheiro que faz gosto!
73	— Diga ao preso que me venda aquele violino.
76	Agora se quiser deixar alguma menina pra dormir mais eu de noite, para me fazer companhia, está bem.
77	— Minha filha eu vou te fazer feliz.
77	— Amanhã, minha filha, eu vou te levar perto da casa do rei.

77	— Olha, minha filha, eu vou te botar um sol branco de feiura na tua cara para tu ficares feia, que tu és muito bonita.
77	— Eu vou fazer você feliz, depois você vai me aparecer, vai me dizer.
77	— Eu me chamo feiura.
78	— Pois, princesinha, isso foi um projeto que me deram.
78	A minha avó de criação me deu esse projeto.
78	Ela tomou conta de mim com dez anos, me criou e veio me trazer aqui para ser empregada sua, Como de fato eu sou. Porque eu tinha que ser muito feliz aqui. Me deu esse projetozinho(ouviu).
79	— Oh! Feiura, um dia tu queres te casar comigo?
79	— Depois eu digo, te dou a resposta.
79	— Oh, papai! Oh, minha mãe! Eu quero me casar com feiura.
79	— Eu quero me casar com ela, que aquela moça tem um projeto muito bom.
79	Ela pensava com ela: "Depois que eu me casar eu vou na casa de minha avó dar os parabéns a ela, que ela disse que eu tinha que ser feliz e vai continuar eu ser feliz. Eu sei que vou ser feliz.
79	Vou me casar com esse príncipe, vou ser muito feliz. Depois vou dar a recompensa a minha avó.
80	— Bem, meu esposo, rainha, todo mundo me acompanhe pra ver o derradeiro projeto que eu fiz lá, onde eu fiz o primeiro.
81	— Olha, eu tinha dois projeto para fazer. Um brilhante— o primeiro— agora, o segundo— o de ouro. Esse aqui quem me deu foi quem teve boa vontade, quem me deu a felicidade, minha avó, que me criou com idade de dez anos.
81	— Olha, príncipe, vamos. Eu quero ir na casa de minha avó dar os parabéns a ela, que eu prometi a ela de ir, que ela disse que me dava a felicidade e me deu.
81	— É, minha avó, a senhora me deu uma grande riqueza e essa riqueza tenho que partir um tanto para a senhora.
81	— Quando a senhora quiser me ver, vá no palácio de tal cidade que me encontra lá.
82	— Pronto, quando eu me casar, que vier morar nesta cidade, está certo.
83	"Eu tenho muita amizade ao meu noivo, mas também tenho muito amizade a minha cunhada. Eu vou fazer assim: eu vou me casar, vou seguir meu marido, depois eu vou buscar ela para passar uns dias comigo. Será que o marido dela deixa? Ele tem que deixar."
83	É, Filomena, tu te casate, estás muito bem.
84	— Minha filha, você não me deixe minha filha.
84	Se meus irmãos não quiserem me ver, deixa pra lá.
84	— Agora, acabou-se minha avó, morreu, acabou-se para mim, não vou lá mais nunca onde eu passei dez anos me criando.
84	— Eu choro pela minha avó porque foi quem me deu a riqueza, a felicidade.
87	— O senhor por favor, vai me levar lá?
87	— Oh! Fulano, vem cá. É para tu ir na cidade dizer a minha mãe que me mande aquela caixinha e aquele alfanje.
88	— Oh! Mas eu sendo uma princesa, sofrer desse jeito! É melhor eu me degolar por mim mesmo.
88	— Vem cá. Você é uma princesa muito bonita e eu sou um rei viúvo. Agora eu vou me casar com você.
90	— Mas, meu pai, como é que eu posso me casar com o senhor?
90	— Ah! Pronto . Agora sim!Que é que faço da minha vida? Me casar com o meu pai!
90	— Meu pai, eu me caso com o senhor se o senhor comprar para mim um vestido do campo com todas as flores.
90	— Ah! Meu Anjinho, não é que meu pai trouxe o vestido! Como é que eu posso me casar com meu pai?
90	— Maria, olhe. Eu vou te ensinar. Tu só fazes o que eu disser: peça a ele um vestido do mar com todos os peixinhos.
90	— Meu pai, eu me caso com o senhor quando o senhor trouxer um vestido do mar com todos os peixinhos.
91	— Ah! Meu pai trouxe os três vestidos, meu Anjinho. Eu não posso me casar com meu pai, meu Anjinho!

91	— Te consola, Maria, que tu não casa com ele não.
91	— Te consola, Maria. eu vou te ensinar como é que tu vai fazer, Maria. Faça o que eu mando, Maria; não faça o contrario, que você vai ser feliz na frente. Olha, prepara teus vestidinhos, faça um pacotinho, teu chapim de ouro, que amnhã aparece aqui uma águia. Aqui no muro do reinado do rei, aparece uma águia muito grande para tu montares nela e ela te salvar.
91	— Eu me chamo Maria Garrancho.
92	— Príncipe, você venha amanhã que eu dou a decisão se vou me empregar lá.
92	— Oh! Meu Anjo, o príncipe daquele reinado dali, disse que lá precisa de uma empregada. Eu vou me empregar lá, meu Anjo?
92	— Tá aqui, Maria, quando quiserem te pegar, tu sacode essa pedrinha.
92	— Oh, princesa bonita! Essa princesa eu tenho que me casar com ela.
93	— Vou nada! Vou não. Nada me interessa.Nada. Isso é besteira, não me interesse por essas coisas não.
95	— Agora, minha mãe, vou me casar com Maria.
97	— Mas meu irmão, eu não te conto: foi o lobisomem! eu não disse, meu irmão, que lobisomem é o Diabo! Lobisomem é Diabo.
98	— Ó Fulano, meu padrinho esteve aqui e me chamou para eu ir passar uns tempos com ele.
98	— Bicho, se tu entrases aqui eu te mato com essa foice!
99	— Mas, Fulana, eu não lhe avisei que quando eu chamasse a princesa vez você me atendesse! Você tem que me atender!
99	— Fulano, me acuda que tem um bicho!
99	— Fulano, aqui tem um bicho! Aqui tem um bicho, Fulano! Me acode! Me acode!
100	— Mas, marido, onde você estava? Que aqui chegou um bicho, se eu não estivesse trepada o bicho tinha botado eu abaixo e me matado! Que custo foi esse, fulano?
100	— Ela disse:"Ah! Os fiapos do meu vestido! Ai, quem está virando bicho é Fulano! E aquele bicho que quis me pegar foi ele!"
100	— Mas, minha mãe, eu não lhe conto! Aquele rapaz que me casei com ele é um bicho, minha mãe! Essa noite, quando eu fui daqui, ele virou um bicho lá no sitio de goiaba. Eu só escapei porque me trepei no pé de goiaba. E agora, minha mãe, ele disse: "Bote uma esteira para eu me deitar." Eu botei. E comecei a catar piolho nele.Quando olhei nos dentes dele, estavam os fapos do meu vestido, minha mãe! Nos dentes dele!
101	Eu não quero me casar com gente de família que vira bicho não.
101	— Eu não quero me casar com você nem com ninguém.
101	Não quero me casar mais não.
103	Meu pai não pôde me educar.
103	— Papai, eu vou me virar num cavalo e meu pai saia para me vender.
104	— Moça, me venda esse anel que se colocou no seu dedo.
106	— Olhe. Quando você vier de noite é para me dizer o resultado.
107	Ele me deu a roupa dele para mim.
107	O que a senhora e o padre me disseram, eu fiz.
107	Ele nunca achou a quem dar a roupa, me deu.
109	— Já me viu alguma vez?
112	Deus me ajude!
114	Eu vim para você me dar um auxilio, qu'eu sou muito pobrezinho.
114	— Júlio, eu vou-me embora por causa que minha mulher ficou desprevenida de um tudo.
115	Na volta, quando eu vinha para casa, uma alma me deu um caixão de dinheiro.
116	— Mulher, esse ano eu vou-me embora daqui.
116	No fim do ano eu vou-me embora daqui.
116	— Será que ele me dá um cantinho para eu morar?
118	— Você me diga.
118	Que eu não saio de cima de você enquanto você não me disser.
118	— Já. Quero ir-me embora daqui.
122	É porque eu fui dormir muito tarde, o sono me pegou.
122	— Éspie, minha mãe: uma botija de prata e outra de ouro que uma alma me deu essa noite.

124	— Nada! Me mudo não.
126	Agora, eu vou passar na casa daquele homem pra ver se ele me dá um canto para fazer uma casa.
126	Eu quero que o senhor me dê um cantinho para mim fazer uma casa.
127	— Olha, eu vou te perguntar uma coisa: você chegou aqui passava de quatro da madrugada poucos minutos e passou o dia todinho nessa ponte para riba e para baixo, caçando o que ?
128	A alma que aparecia aqui, fez eu ir para Recife para me dizer lá, que não era para dizer aqui.
128	— Esta, mulher, essa alma que me deu esse dinheiro, desde que eu cheguei aqui.
130	A alma me enganou.
133	Eu saía para as farras, para baile, para diversão e tu nunca me deste um conselho para o bem!
133	Tu nunca recomendaste nada, nunca botaste eu para o bom caminho, nunca reclamaste nada, nunca me tiraste da vida em que eu vivia.
134	— Vai-te embora pelo mundo,
134	— Mulher, eu vou-me embora pelo mundo.
135	— "Ah! Agora, eu vou morar nessa serra! Eu roubo de noite, de dia me escondo nessa serra."
135	"Entregar-me à polícia, eu não vou...Eu tenho uma cisma assim, um nervosismo, um sentimento de me entregar à polícia como ladrão..."
136	— Quem me tira da serra?
136	— quem me tira da serra?
136	— Quem me tira daqui?
136	— " Agora, eu vou viajar. Lá na frente é a cidade. Eu vou para o cemitério enterrar os ossos dele. Vou fazer essa esmola, essa caridade que ele me pediu."
137	— Me diga onde é o cemitério daqui.
137	— Me diga uma coisa: onde foi que você achou esse saco de ossos?
137	Quem me tira dessa serra?
137	Deixe aqui a ossada e vamos lá para você me mostrar onde é esse lugar.
139	— Roque, olhe, eu vou te dizer uma coisa: tua mãe vai pelejar para tu mandares me matar.
140	— Agora, o senhor vai me pagar bem caro.
140	Quando eu achar uma coisa que me faça medo, eu ficou parado no canto e me caso.
141	— Fui muito bem. Uma visão apareceu aqui e me mostrou o lugar onde estavam enterrados esses dois caixões de ouro e de prata.
142	— Não, Eu só fico num lugar quando encontrar uma coisa que me faça medo.
142	Ai eu me caso e fico morando nesse lugar.
142	— Fulano, vai pegar um canário e bote dentro de uma caixa e me traga aqui.
142	— "Agora eu posso dizer que achei uma coisa que me fizesse medo! Vou voltar e me casar com a moça."
142	— eu vim casar com a sua filha. Porque desde a minha meninice eu nunca achei uma coisa que me fizesse medo: achei hoje.
144	— Depois, rei meu senhor, eu quero me casar c' a princesa.
146	O senhor perde a usina de porteira fechada se ela vier, se ela não vier, o senhor pode mandar me degolar.
149	— O compadre, a mulher morreu! Com esse magotinho de filhos... Compadre, você quer me dar a Marta para mim?
149	— Comadre, eu lhe dou, porque eu com esse magotinho de filhos, essa menina pequena vai me dar muito mais trabalho.
150	Eu vou me casar com ela.
153	— Eu não vou me casar.
154	— Criado de meu pai, não me corte o cabelo, que a minha madrasta me matou e me enterrou nesse buraco.
155	— Criado do meu pai, não me corte o cabelo, que minha madrasta me matou e me enterrou nesse buraco.
155	— "É hoje, É hoje que eu me vingo!"
155	— Me diga uma coisa: por que você matou a minha filhinha e enterrou aqui?

155	— Enterrou. Eu já mandei desenterrar o ossinho dela. Mande passar remédio. Você agora vai me dizer porque foi que matou.
156	— Porque cheguei lá naquele lugar desconhecido, me casei com uma moça e ela chegou matou a minha filhinha dos cabelos de ouro.
156	Agora a morte que ela fez em minha filha eu fiz nela. Deixei ela enterrada no quintal e vim-me embora para minha terra.
156	— Para mais nunca eu querer me casar com outra.
158	— Miguel, quando você estiver em vexame, diga: "Valha-me meu rei dos perus" que será valido.
158	— Miguel, quando tu estiveres em vexame, dize: "Valha-me minha vaquinha pintada" e tu serás valido.
158	Eu moro num deserto desse, meu marido morreu e aqui não tem ninguém para me ajudar a fazer quarto a ele e enterrar o corpo amanhã.
159	— Depois a senhora me dê uma roupa para eu vestir nele.
159	— "Como é que eu hei de passar? Eu não posso passar no meio desse fogo que eu me queimo!"
160	A perua me disse quando eu estivesse avexado, dissesse: 'Valha-me os rei dos perus!'
160	— Valha-me o rei dos perus!
160	'Valha-me minha vaquinha pintada!' e tu serás valido."
160	— Valha-me minha vaquinha pintada!
160	— Me diga uma coisa: esse rei daqui é casado ou é solteiro?
161	"Agora eu vou-me embora."
161	É a que eu quero me casar.
161	— Ô avassalo, aquela princesinha, a mais nova, a mais mocinha, eu vou me casar com ela.
162	Eu vou mandar pegar ele e matar para eu me casar com a princesa.
163	— Miguel, eu te livre de uma grande aflição.
163	Tu vais te casar com a princesa e viver muito bem.
163	— Ah! Eu não vou me casar lá.
163	Eu vou caçar uma princesa para me casar também.
166	— Ah, minha senhora, adepois eu lhe dou uma gorjeta muito grande por esse favor que a senhora me fez.
166	Eu vou me casar com essa peregrina!
166	Eu vou me casar com a peregrina.
166	Eu vou me casar com ela!
167	Quando eu me casar com o príncipe vão dizer qualquer coisa.
169	— É porque Bom atirador vai atirar num veado que está com cem léguas daqui e s' eu não me apear, eu passo pelo veado e não trago.
169	Quando eu quero ir, é só botar a minha casa na cabeça e ir-me embora.
171	— Porque, sabe o que é que eu faço? Carrego a sua casa na cabeça com a sua riqueza todinha e as seis princesas dentro e vou-me embora para outro canto.
173	— Torce Couqueiro, amanhã você vai para a mata me trazer uma carrada de lenha.
175	— Aqui chegou um bicho. Se eu fosse brigar com ele, ele tinha me matado.
176	"Eu vou atrás das três princesas, filhas do rei. Eu pego aqueles dois camaradas que me enganaram.
177	— Camaradas, vocês não estão me conhecendo não?
177	— É possível, vocês não estarem me conhecendo!
178	Quando ele chegar, eu vou me trajar.
179	— Eu me chamo Torce Coqueiro.
180	— Olhe, seu padre, eu já tive uns poucos de filhos, mas essa minha gravidez está me cansando muito.
181	— Bem que eu disse que esse filho meu ia me dar trabalho! Porque filho meu nunca comeu no primeiro dia de nascido meio litro de leite feito papa.
182	Não me importo com ele.
183	— Mulher, se traje. Agora eu vou com você trajada de princesa e eu de príncipe, na casa de meu padrinho que me criou desde a idade de cinco anos, que meu pai não pôde me criar.

183	O senhor pensou em me fazer um mal, mas fez um bem! Olha princesa com quem me casei.
183	Meu padrinho me mandou para aquela mata para os bichos me devorarem.
183	— Está vendo, meu padrinho! O senhor pensava que me fez um mal, fez um bem. Agora, eu quero que me bote a bênção que depois eu vou na casa de minha mãe.
183	— Mas, meu filho! Eu soube! Eu fui na casa do meu compadre, que lhe criou desde os cinco anos de idade, e ele me disse que você era um príncipe, tinha desencantado um reinado e casado com uma princesa.
183	— Foi, minha mãe. Ele pensou que me fazia um mal, fez foi um bem.
185	"Ah! Que moça linda! caso o pai não me dê aquela moça em casamento, eu ajunto o meu pessoal, os gigantes, e formo uma guerram contra ele. Formo uma guerra e roubo aquela moça para eu me casar com ela."
186	— Rei meu senhor, uma voz me disse que daqui a três dias o gigante vem fazer fogo aqui no seu reinado, porque o senhor não deu a princesa dos cabelos de ouro para casar com ele.
187	— Daniel, você é um grande! você agora vai se casar com minha filha, que você me ajudou na guerra.
187	— É, meu pai, se não fosse Daniel, seu reinado era tomado. Matavam o senhor com toda a família e me levavam a força para eu casar com aquele bicho.
187	Agora eu vou me casar com ele.
189	— Ó Dapazinha, quando tu te puseres moça eu vou me casar contigo.
189	— Dapazinha, agora eu vou te pedir a casamento a teu pai.
189	Porque eu me gavo por mim mesmo: sou um rapaz muito trabalhador, muito direito, criado bem dizer tudo juntinho...
190	Com um ano você pode me esperar que eu volto.
191	— Me diga uma coisa: o senhor é casado?
191	— Sou casado e quero muito de minha mulher e minha mulher me quer muito bem.
191	Como é que posso me casar, que eu tenho muito amor a minha esposa e quando eu chegar lá, com certeza, ela já está com meu filhinho no braço!
191	"Destá bichinho, que eu te arrumo!"
192	"Eu quero ver o resultado do que vem a ser isso. Meu marido não me conhecer e essa mulher casada com ele! Eu vou até o fim desse negócio, que eu quero ver o resultado!"
193	Você nunca me conheceu que eu sou sua mulher primeira.
195	— Manoel, me leva! Manoel, me leva!
197	— Ôoo! Uma mocinha! Manoel, me dê essa mocinha para eu casar com ela.
197	— Rompe Ferro! Provedor! Venham me valer que o bicho quer me devorar!
197	O bicho quase me comia, Maria! Não faça isso com seu irmão.
199	— Maria, abra a porta que eu venho te visitar.
199	— Maria, abre a porta que eu vim te visitar!
199	— Maria, amarre a tua cachorrinha que eu vim te visitar.
199	Eu era tua companhia, mas tu foste me matar, foste me queimar e me botaste dentro do rio!...
201	— Rapaz se o gigante te pegar aqui, ele te mata.
201	Tu vais te esconder, pois se o gigante te pegar, te mata.
201	— Eu me chamo Rafael.
201	— Olhe Rafael. É para fazer um jeito de matar o gigante para eu me casar com você, que eu tenho uma cisma tão grande de me casar com um homem agigantado! Com é que eu vou me casar com um homem daquela qualidade, agigantado! Se você fizer um jeito de matar ele, eu me caso com você.
204	— Oh! Beata, tome essa bolsa de dinheiro, me guarde até minha volta.
204	— Seu vigário, eu chamei e ela não me respondeu.
204	— Beata santa, beata santa, me responda onde estais.
204	Você me diga onde está meu dinheiro.
205	— Olha meu filho! Por causa da palavra que eu te disse da moça que será ou não.
205	— Olha, meu filho, só quem me tirar daqui é você se casar com a moça, pra tirar a culpa.
205	E, seu vigário, ela só sai do inferno se eu me casar com a moça.
207	"Quer saber de uma coisa? Vou me atrepar lá naquele pé de pau, vou arrear quem

	é que chega nesta casinha, que aqui tem um rastinho".
207	"Ah! Agora me desço vou comer banana mais o macaco".
208	O senhor dos macacos já me pediu a meia cuida emprestado para medir o dinheiro de prata, agora me pediu para medir o de ouro.
208	O rei vai me matar.
208	Como é que eu vou me casar com uma princesa!
208	Você sabe que não tenho nada, já moro nessa já moro nessa casa de cavalo mais você, como é que eu posso me casar com uma princesa!
210	— Ai, meu Deus, eu me casar! O que vai ser de mim! Eu pobre, que não tenho nada, moro numa casa de cavalo como é que eu posso me casar!
210	Eu fingi de macaco e vim te dar a felicidade.

Pág.	Ocorrências dos pronomes o(s), a(s), me, te no VOLUME III
17	— Quem me dá água! Quem me dá água! Quem me dá água!
23	— Ah, vizinho, me diga uma coisa: por que foi que você enriqueu, que está igual a mim na riqueza?
30	— Mulher, vem me ajudar aqui!
30	— Mulher! Mulher! A viagem que compadre mandou eu comer o bode no inferno, eu enriquei com este sacão de ouro e prata que o Diabo me deu.
31	Jorge, eu vou te ensinar como é que tu fazes.
33	— A senhor me dá esse menino para mim?
33	A senhora me dê esse menino para mim.
34	"Mas, agora, eu só imagino, meu Deus, é de noite! Os bichos, vão me comer, porque eu não sei dormir atrevido nos pés de pau."
34	— Foi meu pai quem mandou me botar aqui, porque pelejou pr'eu aprender a ler e eu nunca aprendi. Ele, com raiva de mim, mandou me botar aqui.
35	Eu quero sair daqui. Ah, quem me dera sair daqui!
35	Agora, Abdias eu vou te fazer um projeto.
37	Eu não quero me casar agora não.
37	Agora, se o senhor quiser me dar um dinheiro para viajar, eu recebo.
37	— Quero não. Eu não quero me casar agora não. Inda falta correr outro país para eu poder me casar.
38	— Rei meu senhor, eu vou me casar noutro país, no derradeiro país.
39	— Depois ele vai me dar conta desse príncipe.
39	Você me dar conta dele.
40	Eu vou me embora pelo mundo.
41	Tudo o que ela queria, dizia: "Valha-me Nossa Senhora da concepção!"
41	Para onde é que vai este homem me carregando para os matos!
41	— Valha-me minha Nossa Senhora da concepção! O que é que eu faço, meu Deus!
41	— Olha, Conceição vai-te embora.
42	Vou caçar uma princesa para me casar.
46	— Rei meu senhor, olhe. Eu quero fazer um pedido antes d'eu morrer: eu quero me confessar.
48	— Foi Nossa Senhora! Eu pedi a Nossa Senhora e ela me ouviu.
51	Mas como ele disse que eu tinha dito, eu me atrevo.
52	— Rei meu senhor, eu não disse não. Mas como ele disse que eu havia dito, eu me atrevo.
52	— Rapaz, eu vou te ensinar como é que tu fazes para desencantar a princesa.
56	— Minha mãe, uma voz me disse que a senhora comprasse um traje de homem para mim— tudo o que o homem traja. E eu me trajasse de homem e fosse embora para outro lugar por causa de um desordeiro que vai aparecer aqui e vai me carregar para me fazer mal.
57	— Se eu lhe matar, tiro seu couro; e se você me matar, o meu couro é seu.
58	"Olhe. Aquela moça, tenho que me casar com ela!"

59	— Nada. Eu me sento mais você.
59	— Olhe. Eu me interessei mais estar aqui mais você do que lá na festa.
60	— Olhe, eu estou com dor de cabeça. Vou me deitar um pouquinho.
60	— Porque você vai ficar no palácio, que eu vou me casar com você.
60	Eu vou me casar com você.
60	— O que está me dizendo, príncipe!
60	— Nada! Não me interessa.
64	— Bem, velhinha. Eu quero essa moça para me casar com ela.
65	— Tome esse dinheiro para a senhora me esconder aqui.
66	"Amanhã eu vou me confessar para ver o que é que o padre diz."
69	— Fulana, será que seu pai me dá você a casamento?
69	— Ô seu fulano, o senhor quer me dar a sua filha em casamento?
70	— Vicente, eu vim te dar um recado que Vicente te mandou.
70	— Tu estás no Céu. Eu vou te descer à terra para tu deixares a matéria lá e depois voltares para o Céu. Eu vou te levar à terra.
73	— Seu vigário, me dê essa mala para eu levar.
74	— São Pedro, agora eu já vim no Céu com vida, vou sair, vou-me embora.
76	"Eu nasci e me criei aqui. Morreram meu pai e minha mãe. Morreu toda a minha família. Eu vou-me embora daqui."
77	"Ah! Eu vou-me embora! Eu não adoro mais a santa cruz.
79	— Meu pai, eu só me caso com um moço da dentadura de ouro.
79	— Pois se não aparecer nunca esse moço da dentadura de ouro, eu não me caso.
79	— Muito bem. Está bem, moça. Eu vou-me embora, depois eu apareço.
80	Se ele vier me pedir a meu pai em casamento, meu pai dê. Eu me agradei dele.
80	— O senhor prepare sua filha que daqui a dois meses eu venho me casar com ela.
81	— Eu vou me preparar. O senhor vá andando. Me espere lá na frente que eu vou andando atrás.
81	— Algum dia eu me vingo. Ela me traiu, me enganou, eu me vingo!
81	— Tu te escondes dentro do quarto dele e quando ele tirar a roupa para dormir tu conhecerás se é macho ou se é fêmea.
81	É uma moça, mamãe! E eu vou me casar com aquela peregrina.
82	— Ó meu Deus! Meu padrinho Santo Antonio me valha! Eu sou pecadora, mereço. Mas meu filhinho não merece isso não.
82	— Olhe. Vai te arrastando.
83	— Eu vou caçar para me distrair nas matas.
84	E eu me alimentei com o leite dela.
86	Porque ele era meu marido, eu tenho que sentir qualquer coisa, mas eu nem me importo que ele tenha morrido!
87	Me dê um copo d'água que eu estou morrendo de sede.
87	Valha-me, meu cachorrinho!
87	— Eu não posso te valer.
87	Tu <u>me</u> aleijaste e depois <u>me</u> mataste.
87	Não posso te valer.
87	— Valha-me meu cavalinho
87	— Ah! Eu não posso te valer, que eu caí nos espetos de pau e tu tiraste a cangalha e acabaste me matar.
87	Não posso te valer.
89	— Que me atine Nosso Senhor!
89	Meu marido briga comigo, me ameaça.
90	Eu me viro num besouro e me soco dentro duma garrafa, você tampa e me leva para sua casa.
91	— Ah! Agora muito bem! Agora, tu me soltaste, eu vou fazer teu marido te matar e ganhar a alma dele.
91	— Ah! tu me soltaste, que eu não era para sair dessa garrafa.
91	Vou fazer teu marido te matar para ganhar a alma dele.
91	— Depois eu vou entrar. Mas tu não me tranca não, ouviu!
91	— Ah! tu me enganaste, hem!
91	Ele botar o Diabo para me botar sentido!

92	Disse que era para botar sentido em mim e atentar você para me matar para ganhar a sua alma.
92	Vou-me embora para casa de meu pai e de minha mãe, que eu ainda tenho pai e mãe.
92	Os filhos, quem quiser me acompanhar, vai comigo, quem não quiser, fica com você.
92	Você deixar sua casa e ir-se embora para casa de seu pai e de sua mãe! Me deixar!
92	— Nunca mais aquele Diabo vai me atentar, mulher, para eu lhe maltratar
92	— Quem me tira deste buraco!
92	— Quem me tira deste buraco!
93	— Quem me tira deste buraco! Quem me arranca deste buraco! Cave e me tire deste buraco!
93	E ele entrou aqui neste buraco.
93	— Quem me julga? Quem me joga?
93	— "Que história é essa?" "Quem me julga?" "Quem me julga?" Ali, quando eu vinha atrás, ouvi aquela voz me dizer quem tirava ela do buraco.
93	E agora está dizendo: "quem me julga?" Eu não tenho medo não! Quem te julga ou é Deus ou é o Diabo!
93	— Esse não se perdeu não porque ele falou em Deus. Mas se ele tivesse chamado: "Quem te julga é o Diabo!" Ele tinha ido.
96	Você não fez hospital para botar dente, não fez casa de oração, como é que ainda me diz que não tinha com que gastar!
98	Vou dizendo logo: quando batizar o menino eu levo ele para criar. Você me dá?
100	— Deus me livre! Quero nada!
100	— Meu padrinho, eu estou para me casar com a princesa.
100	— Quando você for, me diga que essa riqueza é toda sua.
100	— Daqui a um mês eu venho me casar.
103	— Não. Eu não quero me batizar agora não Eu, hein! Eu só vou me batizar quando estiver grandão. Quando eu estiver grande é que vou me batizar, minha mãe. Só quero me batizar quando estiver grande.
105	— O senhor me dá uma dormidinha até amanhã, que eu vou vender farinha na cidade amanhã?
106	— Foi quem te valeu! Senão, eu agora levava uma moça dessas e levava minha mãe!
106	— Foi o que te valeu, foi tu me matar com essa cruz!
106	— Velho, eu não te disse que aquilo não era gente!
108	Ah! esse noivinho é tão bonitinho!...A senhora me dá esse menino para mim?
108	— A senhora me dá essa menininha?
109	— Por aqui a senhora me informa quem tem um trabalho que eu faça?
109	— Eu me chamo Zé, mas o povo me chama de Egito—Zé do Egito.
110	Você me peça a minha mãe.
110	— Ô dona baronesa, a senhora me dá a sua filha a casamento?
110	Derna que você chegou aqui que eu me agradei de você.
110	— Bem, Zé, eu vou te dizer uma coisa: eu só me caso com um rapaz se ele for ver água de todas as flores e de todas as fontes e trazer um lenço de dez pontas.
111	Diga a ele que amanhã venha me trazer um lenço de dez pontas. De dez pontas!
112	— Vai-te. Maldito, pras profundas!
115	Agora eu vou-me embora, porque eu tenho uma netinha moça e ela não pode dormir sozinha, ouviu!
115	Se eu tivesse dito, poderia até dormir aqui. Eu vou-me embora.
116	Vá lá naquele dinheiro que compadre me deu.
116	— Disse. Vinha me ver aqui.
117	— Mas compadre! Compadre me enganou.
117	— Compadre me enganou. Compadre me deu aquele volume, disse que era muito dinheiro e era papel de jornal.
118	— Ô avó, eu vou me confessar e contar essa história ao padre para ver o que o pobre me diz.
121	— A mulher ficou com medo: "Meu Deus! Será que ele vai me matar na mata? Ele nunca me chamou para ir para mata ver lenha!..."
121	— Meu pai, me leve também.
121	— "Ai, meu Deus! Vai me matar! Porque ele já judia comigo e nunca me chamou para

	ver lenha! Ele me chamar hoje... por certo vai me matar!"
124	— Eu quero o quê! Deus me livre de comer essa sua comida! Papai, é melhor o senhor pegar essa tigela de fígado e sacudir com tudo no mato.
125	— Eu quero que a senhora me dê um arranchinho que eu vou aqui de viagem.
125	A velinha me disse que se eu quisesse emprego fosse para casa do rei.
126	Meu pai morreu, eu não quis ficar sozinho na casa onde morava, me destinei pelo mundo caçar emprego.
126	"Porque aquela princesa...Não é possível que ela queira se casar comigo! Sou um forasteiro que vivo no meio do mundo.Ai! O que a velha me disse: que eu tinha que ser muito feliz mais na frente, que eu era muito bom para pai e mãe e que só me empregasse na casa do rei!" Ele pensando.
127	Eu só quero me casar com você se seu pai e sua mãe me derem. Só me caso com você, princesa, se for do gosto de seu pai e de sua mãe.
127	E ontem ela me disse esse amor o que é.
127	E o que é que rei meu senhor me diz?
127	Ainda disse para ela:"Bem, princesa, eu só me caso com você se for de gosto da rainha e do rei. se não for eu não quero me casar com você não."
128	— É, meu pai, se eu me casar com ele, não me caso com mais ninguém.
128	O senhor não disse que quando eu me trajasse de príncipe ia ser seu genro?
128	O rapaz pensava: "Eu penso que o rei não vai fazer besteira comigo. Ele faz todo gosto à filha. Eu, me casei com ela, tenho amor a ela, ela tem amor a mim porque foi ela quem se botou para mim..."
128	Quando ela ia dar em mim, quando eu merecia, eu me ajoelhava nos pés dela.
129	— O senhor quer me tocar lá em casa, no casamento de minha filha?
131	O homem que me contratou disse a mim que quando tivesse outro baile é para eu ir tocar.
133	— Agora você vai me dizer quem é você.
134	— Agora de tempos em tempos eu ia à missa e comungava, sem me confessar e sem me arrepender do que estava fazendo. Por isso, eu me perdi.
137	— "Ah! É um oco de pau. Eu vou me socar aqui dentro para os bichos não me devorarem."
138	Eu me soco na beira do fogo, a mulher não pode fazer o fogo e ele perde a missa. E hajam brigar.
139	— Por que me diz assim?
140	— Agora eu vou na cidade onde mora o meu vizinho que me traiu com minha mulher.
140	— Você não me matou.
140	— Fulano, me leva para o lugar onde tu arranjaste essa riqueza para eu trazer ouro e prata da mata.
140	— Levo! Levo. Levo você para a dita mata onde você me deixou com os olhos furados.
141	— Vamos, prepare o cavalo, como você me levou, eu levo você.
141	— Bem. Fique aí que eu vou-me embora.
141	Foi onde eu <u>me</u> soquei, que eu estava com os olhos furados, não via nada. Eu me soquei ali. Podia algum bicho vir me devorar...
142	— E eu vou carregar meus dois filhos e vou-me embora.
143	— Oh! Meu pai eu tô com 20 anos de idade eu tô com 20 ano de idade e eu quero que meu pai me dê licença pra eu da uma voltinha pelo mundo.
144	O senhor me dá licença fazer a limpeza náquela capela.
145	— Dona, me dê minha caixa de dinheiro.
145	— Esse forasteiro me roubou! Esse forasteiro me roubou! Ele é ladrão.
147	— Olhe diga assim, se esse rapaz me roubar, me roubou eu quero que o diabo me assuverta agora mermo.
147	— Tá rei meu senhor quem me livrou da morte foi aquele home.
148	Dizeno no caminho quando ia pra casa as vacas vou me embora pra casa não andarei mais nunca.
148	— Tu não sabe, eu sou aquela estrelinha preta aquela estrelinha que tu acendesse três velas pra mim que aquela viúva te levantou falso ai ia morrer sem culpa agora ficou pra ele que vois não merecia a morte.
148	— Já, mas minha mãe eu pensei de não lhe ver mais nunca, mas eu ia morrer degolada

	mais teve quem me livrasse;
151	Me chamou de atrevido.
153	Eu estava tratando dela fez um mês agora e eu vou-me embora para casa que ela terminou o resguardo.
154	O rapaz dela me chamou e eu tratei dela um mês. Agora, ela ficou boa, normal, eu ia para casa quando o senhor me chamou.
154	Agora você vai me dizer como foi esse passado. Como foi isso?
154	— Rei meu senhor, aquela proposta que o senhor me disse, que me chamou de atrevido, porque eu vim falar sua filha a casamento. O senhor me chamou de atrevido.
156	— Olhe. Você só me conte essa história quando me vir cem vezes!
156	— Pronto, rei meu senhor. Pra que me quer?
156	— É para você me contar aquela história.
156	— Eu disse a você que só contasse essa história quando me visse cem vezes. Você já me viu cem vezes?
158	— Mas, minha mãe, Conceição me achou aqui dormindo, me carregou lá para casa de palha. Disse que a senhora dizia o que ela pedisse aqui, disse.
158	Ela chegou, pediu a Fulana—que é a superiora daqui, a que domina as outras damas todinhas— ela pediu para me levar para a casa de palha. Fulana então disse: "Pode levar. Ele não é meu filho. Leve," Ela me levou. E agora? O jeito que tem é me casar com conceição. Eu quero me casar com ela.
158	— Não, minha mãe. Mas eu quero me casar com ela, que ela é bonita.
160	— Rei meu senhor, meu patrão disse que me desse a meia cuia para medir dinheiro.
161	— Mas, Caboclinho, tu estás doido! Se eu me casar com essa princesa, onde é que vou morar mais ela?
163	Eu vim te dá a felicidade.
166	— O rapaz se retirou "Bem, eu vou me retirar. Mas eu devia fazer refeição no palácio do rei."
166	Agora, o jeito que tem é eu me casar com você.
166	— Ó Olegario, me diz uma coisa: aquela adivinhação, o que era?
170	— Ó minha mãe, venha me valer, que o rei vai me matar! Ô papai, venha me acudir que o rei vai me matar! Eu vou morrer as três horas, minha mãe! venha me valer!
170	Me ajoelhei nos pés do rei meu senhor, ele deu o perdão ao meu filho abestalhado.
172	O futuro é isso, mulher! você deu o dinheiro! Pois eu vou-me embora pelo mundo.
173	Ela me deu uma barrica de dinheiro!
174	— Marido, essa me ensinou. Não vou fazer outra mais nunca!
176	— Me diga uma coisa: o senhor conhece um Fulano assim, assim?...
176	— Marido, não te conto! Chegou aqui um homem que veio do Céu, disse que meu pai e minha mãe estão muito naufragados— não tinham comida, não tinham roupa, não tinham nada! Olhe, marido, eu mandei de um tudo para eles.
177	— Ih! Aquilo é o marido da mulher! E ele vem me pegar!
177	— Meu senhor, me dê seu cavalo que eu pego ele e trago aqui.
178	— Mulher, me traga água preparada! Água desinfetada para eu botar as minhas mãos, que aquilo era um ladrão! Ele me roubou! Roubou você, mulher, e me roubou!
180	— Ah, seu Pedro, me venda esta panelinha!
180	— Meu senhor, me dê aqui um arranchozinho que eu venho de viagem.
180	E está me dizendo um negócio aqui.
181	— Seu Pedro, o senhor quer me vender esse passo?
181	— Seu Pedro, me venda! Seu Pedro, me venda!
182	— Quem me acode! Quem me acode!
182	— Oh! Oh! Seu Pedro, o senhor está me dando?!
183	E se eu me arrepender de ter dado emprego ao senhor, o senhor é quem tira a tira de couro de minhas costas. E está certo assim?
183	— Tenho outro trabalho para você. Você vai me trazer carregamento bem grande de um carro de bois de madeira que não tenha nó.
189	— Rapaz, então você me tira daqui e fica no meu lugar.
189	Quando for mais tarde, eles vem e me soltam lá longe.
189	— ô rei meu senhor, onde me botaram ontem à noite.
189	Eu sei onde é o canto que me botaram.

190	— Eu me chamo José Adivinhador.
191	— Vá me chamar de José Adivinhador para ele adivinhar onde está o meu relógio.
191	— José Adivinhador, quero que você me amostre onde é que está o anel da princesa que roubaram.
193	— Está, mulher! Eu não disse a você que só vinha aqui quando arranjasse uma grande felicidade, uma grande fortuna! Arranjei, vim-me embora.
195	— Patrão, quando você for-se embora daqui me carregue, que esse lugar vai se afundar a meia noite.
195	— Patrão, me leve para sua casa, patrão, isso aqui vai se afundar.
195	— Meu patrão, me leve daqui, que isso aqui vai virar mar e céu.
196	— Depois então, vocês estão avisados, não querem ir para o nosso lugar, eu vou fazer a minha feira e vou me retirar.
197	— Agora eu vou me deitar. Vou me deitar, que agora é meu fim.
198	— Uma onça buchuda, com fome, andava nos matos, no deserto, encontrou uma vaca com um buchão, disse: "Eu vou me acamaradar com essa vaca para ser madrinha desse meu filho quando nascer."
199	— Ô bezerrinha, vamos s' embora. Olhe, vamos fugir daqui para um canto bem longe, que minha mãe vai te matar para te comer. Vamos embora.
200	— A vaca voltou e não encontrou a bezerra nem a oncinha. Então a vaca pensou, imaginou, que vaca gosta de cismar, disse: "Vou me separar dessa onça, qu'essa onça ia me fazer uma traição. Vou me separar dela."
201	Cada um dizia: "Ah! Deus está me ajudando! Estão fazendo uma casa para eu morar. Estão me ajudando."
202	— Não, comadre onça. Esta casa é minha. Você foi quem me ajudou a fazer minha casa!
202	Quando a onça chegou, danou-se: "Ah! O camarada macaco botou a minha casa abaixo! Eu vou pegar camarada macaco" Eu vou comê-lo. Eu vou comer ele. Eu vou pegar camarada macaco que ele me enganou.
203	"Um dia, eu tenho que pegar camarada macaco! Camarada macaco me paga isso que ele fez comigo!"
203	— Para me amarrar. Que venha uma tempestade carregar os bichos todinhos.
203	— Camarada macaco. Me amarre! Me amarre!
204	Camarada macaco me paga!
205	— Ô camarada onça, derne que eu te amarrei no pé de pau que mais nunca água tinha bebido.
205	Quer saber de uma coisa! Eu vou me mudar daqui. Eu vou-me embora daqui. Vou prum canto bem longe."
206	— Ô papai, me dê este burrinho qu'eu vou criar para mim.
207	— Eu vou te soltar, burrinho, para tu descansares.